



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALEXANDRE VELLY NUNES

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-432

Entrevistado: Alexandre Velly Nunes

Nascimento: 19/03/1959

Local da entrevista: CEME

Entrevistador: Bruno de Oliveira Silva e Alexandre Luz Alves

Data da entrevista: 23/06/2014

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Bruno de Oliveira e Silva

Pesquisa: Bruno de Oliveira e Silva

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 2 horas 6 minutos e 25 segundos

Páginas Digitadas: 43 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção na modalidade judô; Inserção do judô no Rio Grande do Sul; Influência do pai; Passagem por clubes; Participação das mulheres no judô no estado; História do judô no Brasil; Intersecção entre judô e *Jiu Jitsu*; Trajetória como atleta; I como professor da UFRGS; Intercâmbio no Japão e na Alemanha; Final da carreira de atleta; Participação nos Jogos Olímpicos na Comissão Antidoping; Fatos interessantes do trabalho na Comissão Antidoping; Trabalho com treino de atletas de alto-rendimento na Alemanha e no Brasil; Situação do judô no Rio Grande do Sul; Convivência com pessoas de diferentes etnias e a relação com o esporte; Importância de Jigoro Kano; Esportivização do judô; Projeto de judô na ESEF; Contribuição para o judô gaúcho.

Porto Alegre, 23 de junho de 2014. Entrevista com Alexandre Velly Nunes a cargo dos pesquisadores Bruno de Oliveira Silva e Alexandre Luz Alves para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Bom dia, antes de tudo. Obrigado por ter se disponibilizado a vir aqui no CEME dar essa entrevista para a gente. É muito importante esse depoimento. Então começando, como foi a tua inserção no esporte e se o senhor já iniciou nessa modalidade de judô?

A.N. – Sim. A minha inserção no esporte foi no esporte escolar. Eu era aluno do Colégio Estadual Júlio de Castilhos e nós fazíamos diversas modalidades nas aulas de Educação Física. Iniciou essa modalidade de judô que era uma atividade extracurricular e foi aonde eu realmente iniciei no esporte de competição. Obviamente na época, como escolar, eu fazia outras modalidades; jogava futebol, nadava... Mas competitivamente, de fato o judô foi o esporte que eu adotei logo de início, com dez para onze anos.

A.A. – O senhor pode dizer que ano foi isso?

A.N. – Acho que foi em 1971.

A.A. – Alguém influenciou no início da sua prática de judô? Parentes, amigos e professores?

A.N. – Eu tive influência do meu pai que era praticante de judô. Mas naquele momento, no colégio surgiu a oportunidade porque tinha disponível no colégio, então eu tive todo o apoio da minha família e anos antes eu havia ido assistir o meu pai treinar judô. Então foi a minha primeira grande influência e depois a ideia de entrar com os colegas numa atividade que tinha extracurricular, foi fascinante para mim. Eu logo aderi á modalidade que eu pratico até hoje, e se vão ai quarenta e cinco anos.

B.S. – Seu pai era atleta de judô também?

A.N. – Meu pai praticou judô como adulto... Era sim, mas ele na época era um bancário, casado. Então ele praticava judô, mas ele não era um competidor de alto rendimento, até

porque logo depois ele fez uma cirurgia... Na época se fazia cirurgia de úlcera daí ele ficou sem praticar, mas sim, meu pai praticava judô.

A.A. – Nesse período tu teve auxílio de algum clube ou instituição?

A.N. – Eu passei por diversos clubes, mas na época a instituição do início foi o meu colégio, que era o Colégio Estadual Julio de Castilhos. Ali eu treinei durante uns dois ou três anos enquanto eu estava no colégio, mas logo no primeiro ano para participar de competições a gente tinha que se associar a algum clube. Então num primeiro momento me associei na instituição que era o clube daquele professor que dava aula lá, que era um clube do interior, Grêmio Niterói, em Niterói¹. Eu fiquei no Niterói um tempo, daí mudou o professor do colégio e eu acabei indo para outro clube, que era um clube tradicional de Porto Alegre, que era o Sport Clube Ruy Barbosa, que era onde esse professor dava aulas. Que vocês que estão estudando o começo já devem ter visto que muita gente passou pelo Ruy Barbosa... E seguindo esse professor que passou a ser meu treinador, depois ele foi para a SOGIPA², acho que em 1975 eu fui para a SOGIPA aonde eu sou atleta até hoje. Embora não tenha, não esteja mais competindo, eu continuo vinculado ao clube.

A.A. – Falando do Sport Ruy Barbosa, tu poderia dizer o nome desse professor?

A.N. – O Ruy Barbosa sempre esteve no comando de um dos precursores do judô aqui que era o professor Loanzi, o Aloísio Bandeira de Melo. Mas quando eu fui para o Ruy Barbosa foi o professor Francisco Vargas Neto³ que era meu treinador que me levou, o Chico do judô. Ele treinava lá e sugeriu que a gente fosse para lá, mas logo depois ele foi para a SOGIPA, assumiu a SOGIPA, foi treinador muitos anos e o nosso grupo de garotos, alguns foram convidados para ir para a SOGIPA. Para a SOGIPA eu fui convidado, tinha um vínculo como sócio/atleta que era um vínculo que te davam uma carteirinha e tu podia participar das atividades do clube, de certa forma porque tinha alguns resultados competitivos melhores no Estado, então foi quando eu comecei a ter algum benefício com esporte. Passei a ser sócio da SOGIPA que eu sou até hoje, porque eu era atleta de judô e eles foram lá no clube e tinha e tem um sistema ainda que tu ia de sócio/atleta que era um

¹ Niterói é um bairro da cidade de Canoas – RS.

² Sociedade de Ginástica de Porto Alegre.

carteirinha verde que só podia entrar no clube para treinar. Daí tu ia para sócio militante, tinha uma progressão dentro da sociedade, que o militante ele tinha todos os direitos de sócio, podia ir na piscina, podia fazer tudo enquanto fosse atleta do clube, tinha uma série de privilégios e posteriormente tu poderia ser sócio laureado, daí tinha uns critérios mais rigorosos, tinha que fazer mil pontos, depois dois mil pontos e esses pontos eram em função de resultados em campeonatos regionais e nacionais, eram os critérios do clube. Como sócio laureado que é o que eu sou hoje tu passa a ter direito durante toda a tua vida e tua família ser sócia do clube sem pagar nenhuma mensalidade, então hoje eu desfruto, eu e minha família desfrutamos disso porque eu fui sócio laureado pelo clube, uma maneira que o clube mantinha os seus atletas amadores. Na época nós éramos extremamente amadores, não éramos iguais a esses meninos de hoje que ganham dinheiro de verdade, a gente achava aquilo um grande privilégio.

A.A. – Tu fez um comparativo sobre o judô antes e o judô agora... Como era a situação do judô no Rio Grande do Sul na época, as pessoas praticavam só judô ou também realizavam outras modalidades de lutas?

A.N. – Eu acho que um grupo pelo menos sempre praticou outras modalidades. Havia, sempre houve uma grande disputa entre essa ideia do judô e o *Jiu Jitsu* brasileiro que hoje eu compreendo muito melhor como estudioso dessa área. Mas as pessoas praticavam as vezes outras modalidades, ali no Ruy Barbosa especialmente tinha gente de outras modalidades...

A.A. – Em paralelo com o judô?

A.N. – Em paralelo com o judô. Tinha pessoal do boxe, entrava para o judô gente de outras modalidades e que as vezes continuavam praticando outras modalidades. Ocorria isso, na época ainda tinha uma influência maior do boxe. Tinha menos essas outras modalidades que hoje tem mais difundida como taekwondo, tinha caratê, tinha boxe. Nesse período no Brasil, qualquer japonês que chegava aqui, os caras achavam que era professor de judô, de caratê e o cara metia uma faixa preta aleatória, não tinha confederação. A Confederação Brasileira de Judô foi fundada justamente nesta época, 1969, 1970. Então recém estava se

³ Francisco Xavier de Vargas Neto.

institucionalizando o esporte no país, então antes disso, antes o meu período como atleta era absolutamente mais confuso... Os caras na década de 1960 chegavam, colocavam uma faixa na cintura e eram professores, não havia essa regulamentação... Chegava um japonês... Bah! Então esse era de verdade, ele dava as faixas para os outros era bastante informal e havia essa disputa entre o pessoal do judô e *Jiu Jitsu*, mas tinha gente do *Jiu Jitsu* que praticava o judô e gente do judô que até hoje pratica *Jiu Jitsu*. Porque o *Jiu Jitsu* brasileiro na origem era a mesma coisa que o judô aqui no Brasil, só uma derivação, uma escola que os Gracie⁴ resolveram assumir como sendo a escola deles, como se tivessem técnicas novas e no meu entender, pelo menos nessa época não tinha, mas passando cinquenta, setenta, oitenta anos que isso está acontecendo. É claro que o judô caminhou para um lado mais da esportivização e o *Jiu Jitsu* para outro e no fim agora veio a ser esportivizado também. Mas lá na década de 1960, imagino eu, que era bem diferente, eu quando comecei estava bem separado, tinha o judô porque o judô em 1964 entrou no programa olímpico⁵ e teve essa mídia toda em cima do judô. Então entre 1964 e 1971 quando eu entrei, logo em 1972 teve mais uma edição do judô nos Jogos de 1968⁶ o judô não participou, mas 1972 teve os Jogos Olímpicos de Munique que o judô masculino entra para o programa olímpico e continua até hoje, o feminino veio bem depois, que está nos teus questionamentos. Então o judô fica mais divulgado no país, nesse momento existe uma grande migração do pessoal o *Jiu Jitsu* brasileiro para o judô em todos os lugares do Brasil que não tinham colônia japonesa como é o nosso caso aqui, a colônia japonesa era incipiente, não era forte. No nordeste os caras do *Jiu Jitsu* migram para o judô porque estava na moda e a academia dava mais dinheiro, então isso aconteceu nesse período, mas gente do judô praticar *Jiu Jitsu* e vice e versa isso sempre aconteceu e continua acontecendo, porque as práticas são muito semelhantes; um só se concentra na luta no solo que é originalmente do judô, mas o judô foi se afastando da luta de solo ficando mais na luta em pé, então é muito fácil de tu fazer esta migração.

B.S. – E num panorama geral as condições do judô naquele período eram como?

⁴ Os Gracie são uma família de lutadores brasileiros com descendência escocesa, especialmente Carlos Gracie e Hélio Gracie, Rolls Gracie e Rorion Gracie, foram responsáveis pela divulgação do *Jiu-jitsu* no Brasil.

⁵ Jogos Olímpicos de Tóquio de 1964.

⁶ Jogos Olímpicos da Cidade do México de 1968.

A.N. – O judô no Rio Grande do Sul era um esporte extremamente amador, totalmente amador, não eram muitas as academias, o nível dos professores também, a gente na falta da colônia japonesa, a gente tinha que beber de outras fontes, tinham poucos professores qualificados e existia um predomínio muito grande do eixo Rio e São Paulo, especialmente São Paulo. Então São Paulo tinha um judô consistente, forte, o Brasil sempre foi bem representado, o Brasil teve representantes nos Jogos de 1964, ganhou a sua primeira medalha em 1972 nos Jogos Olímpicos, embora fosse um japonês naturalizado brasileiro, tinham ido dois atletas que poderiam ter ganhado medalhas, um se machucou. Então o Brasil sempre teve... Mas era aquele eixo São Paulo e alguma coisa Rio de Janeiro, o resto do Brasil não tinha realmente um polo forte de judô e a gente corria atrás aqui... Quando eu comecei na década de 1970 os meus professores, o professor Francisco, que era o melhor atleta da época, ele ia a São Paulo, mas era muito difícil para ele ganhar as competições porque mesmo aqui ele era um grande vencedor, mas os adversários lá em São Paulo ou até de Brasília que tinha uma colônia forte e Rio eram muito superiores, então era difícil ter um atleta que conseguisse ter nível nacional. Como era o caso do Chico, ele tinha nível nacional, mas ele não ganhava os brasileiros, e como ele era o nosso professor aqui para nós então estava tudo mais distante de chegar nesse nível.

A.A. – Com relação á participação das mulheres nesse período. Existiam mulheres praticando judô?

A.N. – Existiam, mas tinha até uma legislação que proibia as mulheres de praticar o judô então não tinham muitos grupos. Tinha um grupo do professor César Hernandes que era o primeiro grupo que trabalhou com judô feminino aqui. Então as meninas eram as *top*, mas não tinha muita gente no Brasil que praticava, tinham poucas meninas no Rio, em São Paulo e essas aqui no Rio Grande do Sul, mas como era uma coisa ilegal não tinha competição, não tinha nada. Quando surgem as primeiras competições, essas meninas aqui estavam num nível superior, estavam num nível das melhores que tinham no Rio e São Paulo, tanto é que no Mundial de 1980 que foi o primeiro Campeonato Mundial Feminino, foi em Nova York, já foi um representante gaúcha que foi a Iarina⁷. Porque as meninas aqui tinham um nível de treinamento, treinavam a muito tempo, eu não me lembro quando elas começaram, mas acho que foi 1976, 1977 ou 1978. Nós já éramos graduados e as

meninas, eram as meninas que treinavam judô. Judô era um esporte tipicamente masculino, a gente não tinha grande consideração pelas meninas, mas elas em seguida demonstraram que competitivamente tinham um excelente nível, as meninas do Rio Grande do Sul aqui, sempre se saíram muito bem. Já na minha carreira de treinador tive a oportunidade de acompanhar algumas delas, treinavam comigo no clube quando eu fui treinador da SOGIPA e elas eram muito boas, eram as melhores, várias delas tiveram resultados bons de nível nacional e acho que até a Eliane⁸ teve uma medalha de Pan Americano. Por falta de oportunidade não tiveram mais resultados, a gente do Rio Grande do Sul não tinha muitas oportunidades mesmo, era difícil de manter. Mas foi ali que foram as origens do judô feminino no Rio Grande do Sul e acho que no Brasil foi por ai também, antes disso não teve nada que eu saiba.

A.A. – Há indícios de que o Judô e *Jiu Jitsu* se confundiram enquanto prática. Você tem alguma informação que contribua para essa questão no Estado do Rio Grande do Sul?

A.N. – Sem sombra de dúvida. O nosso início foi assim, o próprio professor Loanzi. Talvez seja bom a gente voltar um pouquinho mais na história para ter esse entendimento, eu escrevo isso neste livro que eu fiz a partir da minha tese de doutorado. O judô no Brasil ele chega basicamente com os primeiros colonizadores, os imigrantes japoneses que chegam ao Brasil a partir de 1908, eles traziam na sua bagagem as coisas da cultura japonesa, uma delas era a pratica do judô, do *kendo*⁹. Mas isso ficou fechado na colônia, pelo menos nos primeiros vinte anos a gente não tem muitos registros de escolas de judô. O que acontecia é que dentro da colônia eles faziam as suas coisas e entre elas era o judô e também teve um grupo de lutadores que veio um pouquinho antes dessas academias serem formadas, foram lá pelos anos 1930. Nós tivemos um grupo de lutadores que era liderado pelo Conde Koma, que é o sensei Mitsuyo Maeda¹⁰ que chegou em Porto Alegre em 1914, bem época da guerra, Primeira Guerra Mundial e ele veio com um grupo de lutadores, era o Maeda, o Satake¹¹ que eram dois colegas da *Kodokan*¹², eram alunos de judô. Por que

⁷ Iara Mary Cunha.

⁸ Eliane Pintanel juntamente com Roberson dos Passos foram campeões do Campeonato Panamericano de Kata em Buenos Aires em 2013.

⁹ Arte marcial japonesa.

¹⁰ Japonês que foi naturalizado brasileiro com o nome de Otávio Maeda.

¹¹ Soshihiro Satake foi um japonês naturalizado brasileiro com o nome de Antônio Soshihiro Satake.

judô? Porque o judô era uma escola de *Jiu Jitsu*, do *Jiu Jitsu* antigo, do *Jiu Jitsu* japonês, simplesmente o criador, o Jigoro Kano ele mudou o nome da escola, a escola dele era uma escola de judô, ele troca a primeira letra, o primeiro *kanji*¹³, ele mantém o “ju” e o segundo *kanji* que significa arte ele muda para “dô” que tem como significado doutrina ou caminho. Ele mudou porque ele queria mostrar que era diferente, que era baseado em princípios, ele era um filósofo, um pedagogo renomado no Japão, então ele criou essa escola. Mas ela não deixou de ser uma escola de *Jiu Jitsu*, só que o nome dela era Judô Kodokan, então esses dois caras que vieram, o Satake e o Maeda, eles eram alunos do Jigoro Kano, portanto eles eram do judô. Mas nessa época os caras falavam judô, ou falavam *Jiu Jitsu* Kano que era uma escola de *Jiu Jitsu* e era o que rodava pelo mundo. Quando o Conde Koma foi para os Estados Unidos, inicialmente em 1904, junto com outro professor da Kodokan para difundir lá o judô Kodokan o nome que se conhecia no mundo era *Jiu Jitsu* e o Jigoro Kano estava tentando introduzir o nome dele como uma marca forte e o Maeda é bem provável que ele falasse, não é do meu tempo isso, que ele falasse judô ou *Jiu Jitsu* Kano. A gente vê pelos livros da época e pelas pessoas que conviveram... Eu entrevistei algumas pessoas que conviveram nesse período, foram alunos do Satake ou alunos o Maeda, então havia essa confusão. Segundo o professor Vinicius Ruas¹⁴ lá do Rio de Janeiro, que é um professor que teve o seu início no judô lá com o Satake, em Manaus, por volta de 1924 ele fala que quando ele dava aula da prática da luta ele falava judô, mas quando ele fazia a parte de defesa pessoal ou quando se referia aos combates de vale tudo ele falava *Jiu Jitsu*. Então eles confundiam os nomes, mesmo no Japão havia essa grande confusão, haviam várias escolas de *Jiu Jitsu* e uma que era do judô e do *Jiu Jitsu* Kano, que era o judô Kodokan, isso no Japão foi resolvido através de lei, porque o Imperador como vocês podem imaginar ele mandava e não pedia, então em 1925 o Imperador japonês promulga um édito imperial que agora tudo é judô, porque o Jigoro Kano cresceu politicamente no sistema hierárquico na época de castas japonesa, então eles acharam por bem transformar tudo que era *Jiu Jitsu* á partir de 1925 por ordem do Imperador passa a ser judô. Então os caras lá nas academias, escolas tradicionais aderiram ao movimento judô, segundo alguns autores e eu escrevo assim também, o Jigoro Kano foi um dos precursores no *marketing*, acho que *marketing* era uma palavra que nem existia ainda nessa época. Mas ele foi tão precursor que e ele conseguiu fazer o produto dele, o judô, superar os outros, então os

¹² Conhecido como a primeira escola de judô, no Japão, fundada por Jigoro Kano.

¹³ Caracteres da língua japonesa. O Jiu-jitsu era formado por dois *kanji*.

outros aderiram ao judô. E ele viajou pelo mundo, fez pelo menos treze viagens internacionais aonde ele encontrava professores que davam aula de *Jiu Jitsu* que não eram da Kodokan, eram de outras escolas de *Jiu Jitsu* e ele cooptava esses caras, um que estava na França, o outro que estava na Inglaterra, um chamado Tani¹⁵, outro chamado Koizume¹⁶, ele chegava lá e “Olha, agora é judô”. E falava da escola, dos princípios e os caras que passavam a adotar o nome e as práticas, as ideias, pelo menos em tese. Então ele foi transformando isso, mas para os japoneses que saíram do Japão antes de 1925 essa lei não pegou, então os caras continuavam com a sua ideia de judô, o judô hoje praticado tem influencia de várias escolas de *Jiu Jitsu*, especialmente aqui no Brasil que não são a Kodokan. Mas que acabam se transformando em judô e a questão de regras ela muda a cada período, agora cada vez mais rápido. Os caras só vão adaptando a regra, então havia essa confusão, e no Brasil essa confusão aumenta quando em 1921 um integrante da família Gracie começa a praticar com o Conde Koma. Se tu for pensar sob o aspecto de árvore genealógica que é o que eu criei no meu trabalho, esse *Jiu Jitsu* brasileiro é oriundo exclusivamente do judô Kodokan de Jigoro Kano por que só teve um cara que praticou que era o Carlos Gracie, falecido já, o irmão mais velho dos Gracie e ele praticou com um professor da Kodokan, essa é a versão que o pessoal do judô gosta de ouvir. O *Jiu Jitsu* veio do judô, e ela tem uma argumentação bem forte nesse sentido. Por outro lado o Conde Koma quando ele saiu da Kodokan e foi para os Estados Unidos em 1904, e quando ele chega no Brasil foi em 1914, dez anos depois em Porto Alegre. Nesses dez anos o que ele andou fazendo pelo mundo? Ele andou fazendo lutas e desafios e ganhando dinheiro com isso, era aqueles lutadores de demonstração. Então ele viveu nesse mundo, criando as suas estratégias de combate e usando o que ele aprendeu na Kodokan, mas usando também os seus dotes físicos, dizem que ele era um cara muito forte, todo mundo descreve sobre ele, dizem que era um lutador fenomenal. Então ele criou essas estratégias de combate, de batidas, de socos e tal, e ele ganhava dinheiro com essas demonstrações e com desafios. Esses desafios eram sempre como são hoje, e nós temos isso até hoje, sempre envolvia ganho de dinheiro, esse envolvimento com o dinheiro é interessante. Porque quem é que ganhava dinheiro no desafio? O lutador? O dinheiro da plateia que paga para assistir? Não tinha essa mídia televisiva, não colocava no Google, não saiam no Youtube as lutas, mas existia um movimento naquela região, naquela cidade. Quando tem esse envolvimento

¹⁴ Vinicius Ruas Ferreira da Silva.

¹⁵ Tani Otoshi.

financeiro muito grande a gente passa ver uma nuvem de suspeita de fraude, possível suspeita de fraude porque tem muito dinheiro envolvido e o cara vive daquilo... Então realmente ele era um grande lutador, fez desafios no mundo inteiro, ele andou rodando o mundo. Lá de 1904, 1905 que eles deram aula até para o presidente Roosevelt¹⁷ e para a esposa, deu aula na West Point¹⁸, fazia desafios em Nova York, depois ele desceu, esteve em El Salvador foi contratado para ser da polícia. Esses caras eram contratados para ser da polícia também, para dar aula nas academias de polícia, na marinha, no exército que eles pegam os caras que eram lutadores como fazem até hoje, não mudou nada, imagina nesse período. Ele ganhava dinheiro ali e fazia esses desafios, em El Salvador caiu o governo, caiu o ditador, ele teve de sair fugido de El Salvador, esteve no México, depois ele esteve em Cuba. Tem um pesquisador de Brasília lá que estuda a vida do Conde Koma, ele esteve em Cuba. Eu também estive em Cuba recentemente e me contaram essa história lá, o Conde Koma tinha estado em Cuba junto com o Satake e com outros dois, eles vinham rebanhando japoneses que estavam pelo caminho e faziam esses desafios, eles eram os quatro reis de Cuba, isso antes de vir ao Brasil, isso entre 1904 e 1914. Então eles vinham ganhando dinheiro de desafios com outros caras de outras lutas, com caras grandes, com caras fortes, eles eram grandes lutadores mesmo. Mas como eu disse, vários pesquisadores apontam, que em alguns momentos que diminuía o público e precisava ganhar dinheiro... acho que aparecia umas marmeladas...

A.A. – Lutas combinadas?

A.N. – Lutas combinadas. Como é esse MMA de hoje, que a gente paga para assistir. De alguma forma combinada. A luta combinada não quer dizer que o soco não seja de verdade, que eles não se machuquem, que eles não se batam e nem quer dizer que ela seja combinada pelos dois, porque uma fraude ela não acontece só quando os dois estão combinados, ela acontece quando uma série de fatores em torno disso tiram a universalidade e a regra não é a mesma. No caso do esporte moderno hoje, quando o atleta usa, por exemplo, o *doping*, é uma fraude, a luta não é combinada, o jogo não é combinado, mas o cara esta usando aquela substancia, ele esta tendo uma vantagem que vai fazer com que ele ganhe e quem não está sabendo, até o outro, não tem como calcular o

¹⁶ Gunji Koizume.

¹⁷ Franklin Delano Roosevelt.

que está acontecendo. Então eu acho que acontecia muito isso, eles faziam lutas de certa forma arranjadas, ou pelo emparceiramento como é o que acredito que acontece hoje; chega lá o Conde Koma, ele te desafia, mas o cara que te coloca para lutar diz: “olha, você vai lutar com aquele japonêsinho lá, a bolsa é 200 mil reais e o japonêsinho não é de nada, era lutador e tal”. Então tu entra achando que para ti não está nada combinado...

B.S. – Está fácil...

A.N. – “Aqui olha é um milhão de reais se tu ganhar, se tu perder leva cenzinho”. Tu entra, mas ele já sabe que vai te destroçar, ele só escolhe em qual *round*, depende do público, ou ele deixa tu bater, não sei se vocês já fizeram esse tipo de judiaria com sobrinho; “Vamos brincar de correr? Ou vamos jogar futebol de botão?”. Tu deixa o outro fazer um ou dois gols, para ter graça e depois tu acaba o jogo. Vigarice fazem em mesa de sinuca, até hoje em qualquer lugar, jogam a dinheiro perdem a primeira e depois o cara te pela todo, e os caras faziam isso com luta, essa que é a verdade. Então ele tem a fama de nunca ter perdido um combate, mas ele perdeu vários combates que estão registrados e tudo indica que muitos eram essa coisa que o público gosta, da revanche, o cara ficava herói no local, na cidade e depois vem um desafiante do herói da cidade e cobra ingresso de novo e o herói da cidade perde, depois tem a revanche, enche de novo e o herói da cidade ganha, continua herói da cidade, então isso é uma coisa...

B.S. – Proporciona outra luta...

A.N. – Ou proporciona mais uma luta e isso os Gracie aprenderam muito bem. Uma coisa que nem todo mundo sabe mas o Gracie¹⁹ foi aluno do Conde Koma muito pouco tempo, quanto tempo tu acha que um cara precisa aprender para ser um *expert* em arte marcial? Em combate para ser o multicampeão, quanto tempo de treino tu acha que o cara precisa? O que tu acha? Vocês que são jovens?

A.A. – Tratando-se de arte marcial acredito que uns dez anos...

¹⁸ West Point Judo é uma academia militar nos Estados Unidos.

¹⁹ Carlos Gracie.

A.N. – Ah! Uns dez anos?...

A.A. – No mínimo...

A.N. – O Gracie foi aluno um ano e meio e criou a sua própria escola.

B.S. – Muito bom marqueteiro... [risos]

A.N. – Aprendeu rapidinho. Então a família Gracie se muda de Belém em 1921 e vem para o Rio de Janeiro, não quero discorrer sobre a família dele eu li isso, eu não entrevistei nenhum dos Gracie isso também é importante saber, eles devem ter a versão deles. Eu já vi a versão deles em filmes, em livros, mas eu me baseio pelo livro escrito pela filha do Carlos Gracie, a Reila Gracie, que é uma biografia bastante consistente. Eles vêm para o Rio em 1921 e ele conheceu, ele viu o Conde Koma pela primeira vez em 1917, que ele era garoto dezesseis, dezessete anos. Ele vai ter as aulas dele lá por 1919 e nesse meio tempo o Conde Koma ficava viajando, viajou para a Espanha, foi quando ele ganhou esse apelido, para Cuba, foi coisa inferior a dois anos de contato com o Conde Koma. Em 1925 o Carlos Gracie abre a sua academia de *Jiu Jitsu* Gracie no Rio de Janeiro, ele ficou muito famoso, nessa época ele era uma referencia das lutas do Brasil, justamente que eu falei para vocês que os japoneses que chegaram no Kasato Maru²⁰ em 1908, e até os que chegaram no navio que veio em 1924 que eu não me lembro qual é, não tinha nenhum expoente do judô pelo menos eu não encontrei registros de academias que tenham sido fundadas no país e que tenham efetivamente dado frutos de lutadores. Então os Gracie eles eram hegemônicos, que saia de lá eles diziam que eram detentores do conhecimento do *Jiu Jitsu*, do mágico *Jiu Jitsu* japonês, e vendiam o marketing de lutas, e davam aula em academias de policia, marinha, no exército. Eles começam a ter uma rivalidade com os japoneses que chegam depois. Os japoneses que chegam em 1924 que eram de escolas de *Jiu Jitsu*, inclusive da Kodokan, mas não somente da Kodokan, passam a enfrentar os Gracie nesses desafios e tinham outros lutadores, tinha cara da capoeira²¹, cara do boxe, eram desafios, alguns desses desafios no Rio de Janeiro, eu tenho depoimentos de alguns professores

²⁰ Conhecido como o navio que transportou o primeiro grupo de imigrantes japoneses para o Brasil.

²¹ Luta brasileira.

dessa época, o professor Rudolf Hermann²², diz que os desafios eram em quadras de futebol de salão na época. Se reuniam lá, apostavam e parava só quando um desistia ou se arrebatava muito, era desafios assim sem muitas regras, era vale tudo, esse sim era o autêntico vale tudo. Se estabeleciam as regras na hora e lutavam, nessa lacuna aonde não tinha o judô ou se tinha judô era uma coisa dentro da colônia era muito fechada lá no interior de São Paulo e norte do Paraná a gente tem essas primeiras escolas de judô. Mas as primeiras escolas mesmo que eu tenho registrado são de 1932 e 1936, 1937 no Paraná, antes da guerra nos estamos falando, mas entre 1925 que o Gracie abriu a sua academia e 1936 que o Ryuzo Ogawa abriu a sua academia, não tinha nada de judô, ou tinha muito pouco, ou era só na colônia japonesa que não permitia que os *gaikokujin*²³, que nós os estrangeiros pudessem participar. Então essa confusão realmente havia, e as competições que eram lá no interior de São Paulo onde tinha mais a questão da organização... Acho que em 1933 começou a organização da *Ju-Kendo-Renmei* que era uma instituição que cuidava do judô e do kendo, mas era uma instituição japonesa, japonesa/brasileira, mas era de *nikkeis*²⁴. Ali nessas competições os Gracie participavam também, se vocês forem olhar na história tem o pessoal do *Jiu Jitsu* que fala do Primeiro Campeonato Brasileiro de *Jiu Jitsu* que foi em 1954, mas o pessoal do judô fala o Primeiro Campeonato de Judô, é o mesmo, as mesmas pessoas, a mesma academia, depois da guerra eles participavam do mesmo campeonato só que um dizia que era de judô e o outro que era de *Jiu Jitsu*. E brigavam pelas regras, brigavam mesmo, antes do campeonato, depois do campeonato, no jornal falavam mal um do outro. Isso aconteceu muito fortemente antes da guerra, portanto havia essa confusão de nomes, quando os japoneses começavam a buscar a coisa para a questão de quem era originário da Kodokan, diziam: “Não! Jigoro Kano queria criar um sistema, um método de educação física, é isso aqui que nós temos que fazer, pode até competir... E esse pessoal do *Jiu Jitsu* está fazendo uma outra coisa”. Começaram essa diferenciação, mas em termos de técnicas, do que se fazia, a grande diferença era que talvez o Carlos Gracie tenha aprendido mais técnica de chão do que em pé, e tem várias especulações, provavelmente não tinha tatame²⁵ de qualidade, era ruim de cair. O cara fazia mais a parte de defesa pessoal, que ele rolou pelo mundo aprendendo a bater também, e a outra hipótese que tem é que o chão é muito mais fácil que a luta em pé, então com um ano e pouco a

²² Rudolf de Otero Hermann.

²³ Expressa japonesa que significa estrangeiros.

²⁴ Expressão japonesa que significa os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão.

²⁵ Piso especial para a prática do Judô e outras lutas.

gente não consegue desenvolver a luta em pé para que tenha técnicas apuradas, então ele escolhe as de chão, que é o que se faz em qualquer academia, mesmo de judô. E isso fez com que houvesse essa grande diferença, e como até acho que já falei, a partir do momento em que o judô entra mais na mídia, porque está no programa olímpico, 1964 como apresentação e depois 1972, o pessoal que praticava *Jiu Jitsu* fora do eixo Rio e São Paulo e estava rodando nordeste e aqui no sul, eles simplesmente assumem o nome judô. O professor Loanzi, por exemplo, tudo indica que ele nunca aprendeu judô, e ele é o introdutor do judô no Rio Grande do Sul. Mas quem ensinou judô para ele a gente não sabe, ele é da Paraíba, a última informação que eu tenho é que ele foi aluno do Maeda, mas antes... Eu achei isso em um site, eu não consegui entrevistar ninguém que me dissesse isso, aqui as pessoas que conheceram ele, eu conheci ele, era um senhor já idoso, o que se sabe é que ele era muito forte e que andava com a faixa preta, tinha um retrato dele, mas nunca ninguém viu ele dando queda em ninguém: “Ah não! Ele era muito bom no chão”. Eu falei com a filha dele que me disse que ele era amigo do George Gracie, que é um dos irmãos Gracie que esteve aqui, um dos caras que começou a prática aqui no Esporte Clube Cruzeiro, isso na década de 1950.

A.A. – Como *Jiu Jitsu*?

A.N. – Como *Jiu Jitsu*, *Jiu Jitsu* brasileiro. E teve um japonês aqui, também na década de 1950 que rodou o Brasil que é o Takeo Yano, que ele era do judô, mas ele era do judô, mas ele era do vale tudo também. Esse japonês chegou em 1935 e ele andou rodando, ele esteve no Rio de Janeiro em 1935, depois na década de 1940 ele esteve em São Paulo, ele teve academia em São Paulo, entrevistei gente que foi aluno dele em São Paulo, mas de São Paulo parece que ele voltou para o Rio. Não se sabe bem a trajetória do Takeo Yano, a não ser os lugares que, de alguma forma, ele deixou algum núcleo. E no início de 1950 ele esteve aqui, 1952 ou 1953, entrevistei alguns alunos dele. Inclusive o meu professor aquele lá do Julinho²⁶, no começo da nossa conversa, foi aluno do Takeo Yano lá em 1953. Quando o Takeo Yano dava aulas aqui de judô no Hotelo Majestic, no alto do Majestic ele dava aulas ali e formou o primeiro grupo que em tese era o primeiro grupo de judô do Rio Grande do Sul. Mas paralelo a isso tinha o George Gracie dando aula no Cruzeiro. Então já havia essa confusão, depois esse grupo se dividiu. O Takeo Yano ficou pouco tempo aqui,

ficou um ano e pouco, os caras que aprenderam com ele aprenderam um pouco. E daqui o Takeo Yano vai para o Rio Grande do Norte, o que parece é que esses japoneses eles tomavam muita cachaça, fumavam muito, arrumavam um monte de confusão e eles tinham que sair da cidade. Quando eu ouvi a história do Takeo Yano no Rio, quem me contou disse: “Ah! Teve uma época que ele sumiu do Rio, andou arrumando uma confusão aqui e sumiu”. E eu fechei, nessa época ele estava em Porto Alegre...

B.S. – Era no mesmo período...

A.N. – No mesmo período, fugiu de lá e veio para cá. E aqui a lenda conta que ele perdeu a academia no jogo de cartas. E então ele sumiu, e depois eu descobri que ele esteve no Rio Grande do Norte, em Natal e lá também ele deixa um núcleo de prática, mas não sei se aquilo era judô ou *Jiu Jitsu*, não sei. Ele esteve em Minas também, então ele andou rodando nesses lugares, e ele era lutador também, lutou com os Gracie, ele também treinou um dos Gracie quanto lutou. Eu acho que foi esse George Gracie que se eu não me engano lutou com ele. Aparece de novo, primeiro ele foi treinado pelo George Gracie, treinou o George Gracie para lutar com um outro e depois o George Gracie desafia ele, e as lutas davam empate. A forma como parece, não podia ser muito sério o resultado. Mas o Takeo Yano ele é na opinião de muitos, e a minha é essa, o cara que introduziu o judô no Rio Grande do Sul, na falta de japonês, ele era o japonês, que eu estava buscando um japonês. Mas a academia que era do Loanzi, quando o Takeo Yano vai embora o Loanzi compra a academia e ele coloca um cara chamado Português²⁷, que era aluno do Takeo Yano para dar aula de judô. Então a academia era do Loanzi, mas quem dava aula era um aluno do Takeo Yano, porque provavelmente o Loanzi não era do judô, mas era da luta.

A.A. – Quando tu fala da academia do Loanzi tu diz o Ruy Barbosa. Tu tem ideia que data é isso?

A.N. – Isso foi 1956, 1957. Mas isso eu sei pelo o que eu li, não é do meu tempo. Eu sou nascido em 1959 e eu frequentei o Ruy Barbosa em 1973, 1974, foi bem depois. Mas eu entrevistei algumas pessoas que chegaram na década de 1960 que já treinaram ali no Ruy

²⁶ Apelido pelo qual é conhecido o Colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre (RS).

²⁷ Nome sujeito à confirmação.

Barbosa. Esses caras não eram muito do judô, os gaúchos aqui faziam uma coisa rudimentar, nem usavam vocabulário em japonês. Os primeiros grupos de pessoas que foram treinar em São Paulo para aprender o vocabulário foram esses alunos antigos que estão vivos ainda, o professor Delamar²⁸, o professor Osvaldo Monteiro dos Santos. Eles foram para São Paulo para treinar na academia do Ryuzo Ogawa para aprender o judô. Eu estive entrevistando um cara em Recife o professor Tadao Nagai que era o melhor aluno do Ogawa e ele me perguntou como estava o Osvaldo e o Delamar que eram os caras que foram treinar lá no Ogawa em 1960, 1963. Nessa época o judô era como eu falei, era praticado de uma forma rudimentar e os caras criavam os nomes em português porque eles não sabiam os nomes em japonês. Então eles usavam nomes de técnicas; rasteira, carregada, meia carregada. O Rio Grande do Sul, portanto estava muito atrás, enquanto em São Paulo já tinha lá desde a década de 1930 academias que desenvolviam uma atividade muito mais organizada, ainda que nem todas fossem Kodokan. Essa do Ogawa, por exemplo, do Ryuzo Ogawa que é talvez a mais importante do período, existe até hoje, hoje está com os netos, com o Hatiro²⁹ e com o Hitoshi Ogawa. Ela foi criada em 1936 e teve mais de cem sedes no país.

B.S. – Se espalhou.

A.N. – Se espalhou. Uma delas era aqui, a do Loanzi. Porque o Loanzi mandou gente para lá e tu pensa: “Ah! Que legal então ele ia para lá para treinar judô”. Sem dúvida ele ia para aprender o judô, uma coisa que eu fui aluno do Ruy Barbosa, isso eu descobri agora, pelo menos recentemente é que a gente tinha um retrato em cima na academia Ruy Barbosa, e a gente achava que aquele retrato era do Jigoro Kano, porque a gente aprendeu que o judô foi criado pelo Jigoro Kano, mas esse retrato que tinha lá, eu tenho uma cópia do Hatiro Ogawa que ele me deu que era do Loanzi aqui de Porto Alegre. O retrato tinha uma dedicatória do professor Loanzi para o Ogawa agradecendo, só que aquela foto que estava ali no retrato, estavam pessoas e a foto em cima não era do Jigoro Kano era do Ogawa. Ou seja, aqui ele era representante da academia do Ogawa, e a foto que tinha em cima era do Ryuzo Ogawa que veio do Japão como um cara graduado, mas nunca foi do judô, o Ryuzo Ogawa era de uma escola de *Jiu Jitsu*.

²⁸ Delamar Teixeira da Silva.

²⁹ Hatiro Ogawa

A.A. – Ele não era da *Kodokan*?

A.N. – Não. Ele era contemporâneo do Jigoro Kano, talvez até rival segundo os netos dele me falam. Era de uma escola ou estilo que chamava Kashima Shinden Jikishinkage-ryu, e eu não sabia disso também foi o Hatiro que me falou e depois um outro professor de São Paulo me disse também que o professor Ryuzo Ogawa era um grande disciplinador, era um cara durão, e é um dos grandes nomes do judô brasileiro, ele nunca foi Kodokan, ele não era e nunca foi, ele morreu sem ser Kodokan.

B.S. – Ele é de outra escola de *Jiu Jitsu*...

A.N. – De outra escola de *Jiu Jitsu*, e ele é um dos mais importantes da origem do judô brasileiro. Agora o Tadao Nagai mostra as técnicas, acho que treinava aquilo e treinava judô também e que eram técnicas parecidas também, as escolas de *Jiu Jitsu* eram muito parecidas. Mas as referências do professor Ogawa conta Jigoro Kano, me recordo uma frase de um outro professor de São Paulo, fugiu o nome agora que conviveu com o sensei Ogawa, ele disse que quando o sensei Ogawa se referia a Jigoro Kano ele se referia assim: “Ah! Aquele velho”. Ele não gostava do Jigoro Kano ele tinha uma rixa, que lá parece que o Ogawa chegou a dar aulas para o Imperador, mas o Jigoro Kano é que ficou de treinador do Imperador. Então o Kano ele absorveu os outros e os que não foram absorvidos não queriam. Só que muitos vieram para o Brasil, tanto que o Ogawa em 1936 criou a academia, eles já vieram para o Brasil nessa época eles já estavam pressentindo o negócio da guerra, que a coisa estava esquentando lá e porque vinha um movimento no Japão que estava incentivando a emigração, a época Meiji³⁰ foi uma época de renascimento japonês. O Imperador assume o poder, mas encontra o Japão com muitas dificuldades, uma população muito grande, era a maior densidade populacional do mundo com um país muito pequeno em áreas cultiváveis, eu não sei se vocês sabem, mas o Japão não é tão pequeno como a gente acha. Se vocês colocarem uma pontinha do Japão, as ilhas do sul até Hokkaido, que é a ilha do norte, no Brasil, se colocar no Chuí³¹ vai até depois do Espírito Santo, Japão é grande. Mas é setenta e dois por cento são montanhas, então tu tem um

³⁰ Período, era ou época no Japão, que durou 35 anos correspondente ao governo do Imperador Meiji, de 11 de maio de 1867 a 28 de dezembro de 1902.

pedaço de terra cultivável muito pequeno, para uma densidade populacional na época de cento e vinte milhões de habitantes, era muita coisa para o Japão, então eles não davam conta, eles começaram a emigrar, inclusive para o Brasil. Primeiro para os Estados Unidos, daí os Estados Unidos fecharam a porta, então teve um acordo em 1895 entre o governo brasileiro, não me recordo agora o nome do embaixador, tem um livro interessante sobre isso. E o imperador assinou esse acordo e a emigração passou a vir para a América do Sul, Brasil especificamente, daí começa o nosso judô, mas é uma história “truncada”. Vocês devem estar acostumados com isso, vocês trabalham aqui no CEME³², a professora Silvana³³ vê isso. É um dos maiores centros de memória, se não o maior o Brasil. Mas a história do esporte ela está “truncada”. No fim eu acho que eu fugi da tua pergunta, mas acabei respondendo outras...

A.A. – É. Na verdade era á nível de Rio Grande do Sul, se realmente existia essa ruptura...

A.N. – Sim, sem dúvida. Quando o Loanzi ele caí para o lado do judô, ele resolve formar a academia de judô... Eu quando estive no Loanzi na década de 1970 era judô e muito tempo depois que eu fui descobrir que o Loanzi talvez nunca tenha sido do judô. Então houve essa ruptura porque o esporte olímpico começou a crescer, isso aconteceu no Brasil também, em outros lugares, no Rio Grande do Sul foi assim. Sempre tiveram núcleos, sempre aparecia outro imigrante que em algum lugar montava a sua academia e podia chamar de *Jiu Jitsu*. Mas o judô aqui no Estado foi o que tomou espaço, acho que o *Jiu Jitsu* como está agora, esse *Jiu Jitsu* brasileiro ele volta forte na década de 1990, que acho que em parte é trabalho do Royce Gracie, que os Gracie que imigraram para os Estados Unidos e que criaram esse sistema, que criaram o logo do UFC, o *Ultimate Fighting Championship* foi em 1993, 1994 e isso explodiu pelo mundo, criaram o octógono³⁴ e o *Jiu Jitsu* começa a crescer e foi década de 1990 por que a Confederação Brasileira de *Jiu Jitsu* ela é de 1994. E olha que o *Jiu Jitsu* começa no Brasil em 1925 e o Gracie foi para Fortaleza, lá no nordeste desenvolveu uma escola forte na década de 1930, 1940, e a institucionalização do *Jiu Jitsu* esportivizado é noventa e poucos, 1994 se eu não me engano. Então nesse meio tempo o judô tomou conta, e o *Jiu Jitsu* veio comendo pelas

³¹ Cidade mais ao sul do Brasil.

³² Centro de Memória do Esporte, Escola de Educação Física – UFRGS.

³³ Silvana Vilodre Goellner.

³⁴ Local de luta do UFC

beiradas, arrumando espaços na mídia, usando o mesmo sistema que o Conde Koma usava, que os Gracie usaram e divulgando campeonatos de menor importância com maior mídia, no começo era assim que eles faziam. E o pessoal do judô não gostava dessa coisa, ficava minimizando, e de fato, por exemplo, quando tu chama de Campeonato Mundial, traz a ideia de que existem representantes de todo o mundo. A Copa do Mundo, por exemplo, pode ter todas as críticas na Copa do Mundo, mas tem representantes de todo o mundo, que vem ranqueados do sistema original, por continentes, o representante de cada continente que tiveram uma competição universal e saíram os melhores. Então os que estão ali são os melhores e os primeiros momentos do *Jiu Jitsu* competitivo brasileiro eles eram Campeonato Mundial, mas eles pegavam lá um paraguaio, um americano bêbado e todos os brasileiros e o cara vira Campeão Mundial de *Jiu Jitsu*. A gente usa isso na mídia, esses mundialitos de futebol de areia que tiveram, “Ah! Mundialito”. É mundialito porque são ex-jogadores e não existe aquela institucionalização. O esporte tem essa coisa, a instituição ela organiza, e no *Jiu Jitsu* não tinha isso, tanto é que tem uma instituição internacional que é a Federação Internacional de *Jiu Jitsu* que promove Campeonatos Mundiais de *Jiu Jitsu* que não é esse *Jiu Jitsu* brasileiro. Você já ouviu falar dos Jogos Mundiais? Os Jogos Mundiais são quadrianuais, tem vários esportes que não estão no programa olímpico, são organizados com o respaldo do Comitê Olímpico Internacional, o último foi em Cál³⁵. Eu tive a oportunidade de participar e tem *Jiu Jitsu*, mas é o *Jiu Jitsu* internacional, Federação Internacional de *Jiu Jitsu*. Então no Rio Grande do Sul havia essa confusão, o judô toma conta durante muito tempo, mas hoje o judô continua com um grande número de praticantes, uma federação que está mais organizada agora, com atletas de nível olímpico. O Estado do Rio Grande do Sul ganhou nos últimos Jogos duas medalhas olímpicas³⁶ só com um clube aqui, a SOGIPA, isso é inédito, nunca antes na história deste país aconteceu um resultado tão bom para o judô. E ao mesmo tempo as academias de *Jiu Jitsu* proliferam por aí, o *Jiu Jitsu* brasileiro, e trabalhando bem, trabalhando com uma esportivização mais organizada. Tem algumas dissidências de Federação A e Federação B, não tem toda essa organização, mas o número de praticantes é muito grande, eu não sei contabilizar isso. Mas hoje nós temos em paralelo o pessoal do *Jiu Jitsu* praticando um esporte de rendimento, mas mais uma vez como eu te falo tem a migração. O pessoal pratica um e pratica o outro, mesmo o pessoal do alto rendimento está na academia de *Jiu Jitsu*. A gente mesmo aqui no

³⁵ Jogos Mundiais em Cali (Colômbia) em 2013.

projeto, a gente tem um projeto de judô desde 1991, mas já faz alguns anos que a gente tem *Jiu Jitsu* brasileiro também. Tem judô todos os dias, três vezes por semana tem só *Jiu Jitsu* meio dia e as pessoas que praticam muitas vezes são as mesmas, tem alguns que são só adeptos do *Jiu Jitsu* brasileiro, não gostam de fazer a parte de queda, não vem a noite, os outros fazem os dois. Tem gente que era do judô graduado e veio para o *Jiu Jitsu*, eu mesmo faço isso.

A.A. – Comente a sua trajetória enquanto professor, técnico, árbitro ou outras participações dentro do judô.

A.N. – Eu fui um atleta de 1971 até década de 1990, eu já estava casado na época, como eu já falei a gente era extremamente amador. Para a gente ganhar alguma coisa era ganhar a passagem para ir competir, ganhar o uniforme. Primeiro que a gente não tinha bons resultados também...

B.S. – Isso era uma característica do desenvolvimento das lutas de forma geral no Rio Grande do Sul ou só do judô?

A.N. – Do judô era assim. Sinceramente o judô foi a atividade que mais se desenvolveu nessa época, o boxe ainda não se desenvolveu, o *taekwondo* já teve um crescimento maior, mas era mais recente, isso é agora década de 1990. Teve *taekwondo* na década de 1970, mas em termos competitivos não tinha. Acho que as lutas de modo geral vieram depois, judô foi o primeiro, mas essa geração realmente não tinha retrospecto nacional. Teve um menino... Nossa! Que coisa horrível, um menino da minha idade, que foi campeão brasileiro em 1976, o Celso Palma³⁷ e foi aquela raridade. Hoje esses meninos dos clubes grandes como a SOGIPA quase todos foram campeões brasileiros ou várias vezes campeão brasileiro, desde os doze anos estão sendo campeões brasileiros, na época a gente não tinha nem competições nessas idades. Assim como para o pessoal do Brasil ganhar de japonês era uma coisa impossível para a gente era um sonho não sonhado. O sonho era ir e não ganhar de japonês, para a gente era um sonho não sonhado ganhar dos caras de São Paulo,

³⁶ Nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012 Mayra Aguiar da Silva e Felipe Kitadai, atletas da SOGIPA, ganharam medalhas de bronze.

³⁷ Atleta gaúcho da Sociedade dos Gondoleiros, venceu o Campeonato Brasileiro Juvenil de Judô em 1976.

era um absurdo, a gente saía daqui, fazia o desenho das chaves para os eventos nacionais antes de começar a competição. Aí tu olha e diz: “Ah! Aqui tu perde para o paulista daí tu pode voltar por aqui...”. Então não se sonhava isso, o que era um total absurdo, tanto que a geração dos meus atletas... A gente já atropelou isso, eles passavam por cima dos paulistas como de qualquer um outro, mas a nossa geração não teve muitos atletas que conseguiram destaque nacional, era ruim mesmo. Eu obviamente tive carreira de árbitro porque tu é obrigado a arbitrar num período, fui arbitro nacional mas logo sai da arbitragem, não gostava, nunca me agradou, nem o meio, nem as pessoas que estavam na arbitragem, nem arbitrar, não fiquei muito tempo na arbitragem. Mas como treinador eu comecei cedo também, primeiro eu entrei na Escola de Educação Física, eu fui aluno aqui da década de 1970, entre 1977 e 1980 então eu já tinha indicado uma transição de carreira para a área do esporte, e continuei competindo mais tempo. Mas como a gente não era profissional, então o que acontecia? A gente treinava pouco e competia para representar o clube e isso fazia com que o teu desempenho nunca fosse o melhor, acabou tendo vida social, namorando, casando, fazendo filho e isso foi me afastando da competição. Os resultados pouco expressivos de nível nacional, nível internacional que a gente competia era mais interclubes, a gente fazia intercambio com os clubes do Uruguai, da Argentina era o nosso intercambio internacional. Até por que Montevideo e Buenos Aires são mais perto do que São Paulo, e a gente apanhava menos também, a gente batia neles e em São Paulo a gente via de regra a gente lutava como nunca e perdia como sempre, então não era tão agradável. Mas eu fui atleta até a década de 1990, depois teve um período também que eu já estava dando aula, treinava primeiro auxiliando o professor na escolinha, na SOGIPA a partir de 1981 e depois dando aula em “n” lugares. Me formei em educação física em 1980, e até fazer carreira de treinador, professor de judô, fiz concurso para o Estado em 1980 daí dei aula durante treze anos num colégio do Estado, aonde eu montei uma escolinha de judô, dava aulas de judô. Então eu seguia paralelo a carreira de atleta, porque aqui o judô era de nível tão baixo que a gente não lutava e ganhava as competições, pontuava para o teu clube pelo menos, então a gente ia fazendo uma carreira mais longa. Esportes quando não estão num nível muito bom, o cara faz carreira mais longa, mesmo sem ter um treinamento adequado, mas tem um momento que tu estoura. E depois como eu falei para vocês que eu parei de competir muitos anos logo que nasceu a minha primeira filha e o clube não pagava. Daí para competir, tu tinha que treinar mais e eu não me despus naquela época treinar mais, não tive persistência suficiente, abnegação para seguir adiante, então a minha

carreira de atleta acabou por ali próximo dos trinta anos, mas eu voltei a competir mais tarde, já professor aqui desta escola. Eu fui morar na Alemanha, voltei a treinar, fui fazer o curso de treinadores de judô, daí eu competi mais uns meses na Alemanha no clube da universidade que eu estava fazendo curso, que é o Judô Club Leipzig na Alemanha. Foi interessante depois de mais velho e fora de forma, entrar em forma de novo e participar de competições de nível B e nível C. Mas foi só um *flashback*...

B.S. – Uma recaída...

A.N. – Uma recaída, aquele cara que recaí na droga. Mas foi isso e como treinador eu já tinha começado na SOGIPA como auxiliar do professor em 1981, depois eu fiquei dando aula em outros lugares, creche, coleginho. Fazer iniciação, na época muita gente fazia isso, até hoje os meninos fazem isso. Tu ganha a faixa preta, tem aquela impressão... Quando eu me formei eu tinha vinte e um anos, um professor de educação física faixa preta, me achava invulnerável, era um espaço de mercado de trabalho que eu tinha feito essa opção, então eu tive essa oportunidade em 1986, em 1986 eu estava lá no clube como professor na SOGIPA, um dos professores, o professor responsável era o professor Francisco, o Chico. E surgiu a oportunidade que tinha um professor nosso que era um professor japonês também Naoshi Ushijima, o professor Nao veio para o Brasil na década de 1960 e chegou em Porto Alegre em 1968, por aí e nessa época ele estava na SOGIPA, foi um grande professor, um grande mestre para a gente e o Nao conseguiu para a gente um estágio no Japão, para eu passar um período no Japão. Então eu tive seis meses morando no Japão, numa universidade, na Universidade de Kokushikan. Lá foi um grande aprendizado também, apanhei bastante lá, mas foi bom, como experiência foi maravilhoso. Quando eu voltei do Japão, eu tinha acertado com o clube, porque o clube ficou me pagando, foi a única coisa que eu ganhei na vida como atleta naquela época acho que foi isso. Nesse período o clube, eu era professor do clube e eu ia ficar seis meses fora, pedi demissão e o diretor do clube disse: “Não, não. Tu vai e quando tu voltar tu fica no clube, como professor”. Então eu fui, o clube pagou minha passagem, pagou a minha estadia lá, pagou o meu salário, então a SOGIPA foi essencial para mim e o meu professor conseguiu local para eu ficar lá que era a universidade, fiquei morando com outro professor então foi um período interessante, o mais profissional no judô que eu fui, foi isso, o top da minha carreira de atleta.

A.A. – Que ano foi essa estadia no Japão?

A.N. – Foi em 1986, fui para lá em agosto, voltei no começo do outro ano, voltei em fevereiro de 1987.

A.A. – E o período na Alemanha?

A.N. – A Alemanha foi bem depois, Alemanha foi 1998, faz uns quinze anos só. Alemanha eu já era professor aqui... Quando eu fui para o Japão eu já era professor, eu já não estava treinando em alto rendimento, mas eu competia, voltei ainda a competir pelo clube, infelizmente voltei, fiquei seis meses sem treinar para depois competir, quando voltei eu acabei não competindo tão bem. Mas logo em seguida encerrei a carreira, em 1987 nasceu a minha filha, por ali eu parei de competir, desiludido com algumas coisas, o clube, enfim, parei de competir. Em 1998 era outra história, em 1998 eu era professor aqui na escola, ai surgiu um curso que é dessa universidade que é um curso de treinadores, um curso específico pago pelo governo alemão e o diretor da escola aqui na época me mostrou o curso: “Isso aqui parece ser a tua cara”. O falecido professor Guimarães³⁸, ele me mostrou e eu achei interessante e me candidatei e ganhei a bolsa do governo alemão e fui para a Alemanha. Mas eu fui fazer o curso de treinador, eu não era atleta, mas estava morando na Alemanha sozinho, seis meses acabei no meu mundo lá. O professor de judô que dava aula na universidade e dava aula no clube nos levou para conhecer o clube. Depois que eu conheci o clube pela primeira vez eu comecei a ir, era aonde os caras falavam a minha língua, até porque alemão também não era a minha língua, na época eu não falava nada de alemão, era quase tão ruim quanto no Japão, quando eu fui eu não falava nada de japonês, era bem complicado sob esse ponto de vista. Vocês não viveram essa época, mas imaginem um mundo sem celular, não tinha celular. Então no Japão eu mandava carta para casa, e as cartas levavam dez, quinze dias. Tu mandava uma carta para contar como estava, as pessoas te mandavam perguntando uma coisa, quando tu respondia aquela carta as respostas já eram outras...

B.S. – Três meses depois...

A.N. – Não são três meses. Mas assim, o cara te perguntava uma coisa e tu respondia, quando ele mandava outra carta tu ia responder, já eram outras perguntas. A comunicação impossível e era assim que a gente se comunicava. E eu só me comunicava com as pessoas por carta porque os meus colegas não falavam inglês e eu também não falava inglês, mas japonês menos ainda. Então tu passa um tempo, um período convivendo com várias pessoas e a comunicação, por incrível que pareça, era só no tatame, era a maneira como a gente se comunicava. Era difícil! Eu tinha um colega, um brasileiro que era *nikkei*, que falava japonês e que me ajudou muito lá, hoje é professor lá em Campinas o Cláudio Kome³⁹, e um colega meu que foi, dos seis meses que eu passei, ele passou quase dois meses comigo que era o Ricardo⁴⁰. Mas foi nesse período que eu tinha gente para conversar, se não, não tinha com quem conversar, nem para contar coisas boas do treino, nem as coisas ruins. Era jogo duro. Hoje meu filho está morando na Alemanha e eu mando *whatsapp*⁴¹ para ele, daqui a pouco ele deve ter me mandado um *whatsapp*. E se a gente quiser, em casa abre no *Facebook* e fala, isso era uma coisa inimaginável, tinha um desenho animado que mostrava essas coisas, pergunta para os pais de vocês, tinha Os Jetsons⁴² que mostravam essas coisas que podiam falar... Era inimaginável a comunicação, mas no Japão treinei bastante, era um rigor de treino de alto nível, era o treino duas vezes por dia, chegava a dar quatro horas, quatro horas e meia de treino, cinco horas de treino por dia, de segunda á sábado, domingo a gente estava liberado. Só que o professor batia no quarto pela manhã e dizia que tinha competição em tal lugar, quem quiser ir, todo mundo ia assistir a competição. Era um treino muito duro, para mim era duro, primeiro era duro porque de nível muito mais alto do que eu estava acostumado, segundo porque não gostava da comida... Agora está na moda comida japonesa, mas é muito diferente da gente não é? Tem umas coisas que entra na moda que eu não entendo como... Comida japonesa entrou na moda, é para matar... É diferente para um brasileiro do sul do Brasil acostumado a comer carne...

B.S. – Para manter as energias era difícil...

³⁸ Antônio Carlos Stringhini Guimarães.

³⁹ Nome sujeito à confirmação.

⁴⁰ Nome sujeito à confirmação.

⁴¹ Aplicativo para celular utilizado para conversas.

A.N. – Frio não, porque Tóquio é paralelo trinta⁴³, não sei se vocês sabem, Tóquio é como Porto Alegre, faz frio, neva, mas não neva muito, naquele ano não nevou. Mas o treino era duro, o rigor era grande, e ser difícil se comunicar é uma limitação muito interessante, cheguei a fazer umas coisas, poderia ser internado na época, lá no final já eu mandava cartas para mim mesmo, não tinha com quem falar, escrevia para mim, colocava no correio, não só mandava, não só escrevia, eu colocava no correio, minha mulher guarda as cartas até hoje. Já na Alemanha, em 1998 fui lá fazer um curso de treinador, mas era um curso prático, diferente desses nossos cursos de educação física que está extremamente teórico na minha concepção, lá os cursos são práticos. Então era um curso de quinhentos e sessenta horas, um curso de especialização em seis meses, eu tinha aula das sete da manhã às três da tarde, dava uma interrompida só para fazer um lanche, todos os dias e depois da aula eu ia para o treino de judô, quatro e meia, cinco horas tinha treino lá no dojo⁴⁴. Mas o treino não tinha nada a ver com o curso, eu que ia e depois que eu comecei a ir eu passei a treinar, até que chegou a um momento que o professor perguntou se eu queria competir, porque eu estava em um nível que ele achou bom. Foi só nessa época, eu já não era atleta há muitos anos, que eu e outros colegas nos demos conta que talvez a gente não fosse tão ruim, quanto a gente achava, mas a gente não teve as melhores oportunidades. Mas a carreira de treinador foi a que me fascinou nesse meio tempo, foi quando eu desenvolvi, primeiro aqui na escolinha na SOGIPA, que era alto rendimento. Teve um tempo que eu sai da SOGIPA depois eu retornei mais uns anos, até que depois que eu fiz concurso aqui para a escola é que eu me estabilizei como professor aqui da escola e criei a minha escolinha, a minha escola de judô que está até hoje. Nós estamos fechando vinte e cinco anos num projeto de extensão que trabalha basicamente com inclusão social através do esporte, tenho grupos diversos, recentemente o grupo mais forte de competição é de deficientes visuais e que tem uma equipe de competição também nossa aqui da universidade.

A.A. – De que forma tu chegou aos Jogos Olímpicos?

⁴² Desenho animado com uma família futurista, foi exibido no Brasil a partir de 1985, mas o primeiro episódio é de 1962.

⁴³ Linhas traçadas paralelas à linha do equador para expressar a latitude de determinada localidade.

⁴⁴ Local para treino de artes marciais japonesas.

A.N. – Como atleta eu fui frustrado nessa direção, eu nunca consegui ir a Jogos Olímpicos. Como atleta eu não consegui, por incrível que pareça teve uma época da minha vida e até meu professor achava que a gente podia quem sabe, mas não, foi longe disso. Mas depois aqui na escola, que eu fui aluno na década de 1970, início da década de 1980 entre outras pessoas, eu tive um professor que era o professor Eduardo Henrique de Rose. Ele me conheceu como atleta e quando eu fiz concurso para cá, que eu entrei, eu entrei para cá como professor, isso já foi em 1989 eu acho. Eu entrei como professor do Colégio de Aplicação⁴⁵ que eu fui o primeiro colocado no concurso para dar aula no primeiro e segundo grau em 1982. Tinha me formado aqui em 1980, em 1982 eu entrei no Aplicação. Eu dei aula no Aplicação durante muitos anos, durante uns treze anos, quatorze anos, não me lembro mais quantos mas foi muito tempo. Fiz concurso aqui na década de 1980 e fui chamado em 1989, então eu passei a fazer parte do quadro, fiz concurso para a disciplina de judô e entrei aqui, entrei com o professor Francisco Vargas Neto que era meu treinador que foi o primeiro colocado no concurso e eu fui o segundo colocado. Ele foi chamado e eu fui chamado depois. Então entrei para cá em 1989, se eu não me engano foi no meio do semestre de 1989 quando o professor Francisco foi para a Espanha fazer doutorado, então eu entrei como professor aqui da escola e o professor De Rose⁴⁶ era, nessa época professor aqui, então passamos a ser colegas. O doutor Eduardo De Rose que era vice-diretor da escola e assumiu a direção da escola com a aposentadoria do então diretor o professor Paulo Gilberto de Oliveira, um grande professor, amigão meu que faleceu ano passado que era o Carioca. O Carioca ele se aposenta, dá o tempo dele e fica uma lacuna na direção da escola, o vice-diretor que era o doutor. De Rose que eu conhecia superficialmente como professor aqui, assume a direção da escola e como já tinha passado mais da metade do mandato não é feita nova eleição. O diretor escolhe o vice-diretor e ele me escolheu para ser vice-diretor e foi assim por uma coincidência do destino que eu caí, vice-diretor da Escola de Educação Física em 1992. Nós já estamos no ano dos Jogos Olímpicos de Barcelona e o doutor. De Rose é um membro do Comitê Olímpico Internacional. Hoje ele é membro da WADA⁴⁷ na verdade, da Agencia Mundial Antidoping que na época ela não existia ela é de 1999. Mas ele era o responsável pelo Comitê Olímpico Brasileiro na parte do controle de doping e durante mais de quinze anos ele teve um curso de medicina

⁴⁵ Colégio de básico da UFRGS.

⁴⁶ Eduardo Henrique de Rose.

⁴⁷ World Antidoping Agency.

desportiva que ele montou aqui na ESEF da UFRGS⁴⁸. Esse curso formou a grande parte dos médicos do esporte do Brasil e da América Latina, inclusive espanhóis. Esse curso aqui na UFRGS que depois saiu da UFRGS e foi para a PUC⁴⁹ com a coordenação dele.

B.S. – Isso antes de 1992?

A.N. – É, antes de 1992. Eu não sei quando começou esse curso aqui. Mas nesse período o curso estava ativo. Então ele tinha um acesso muito grande em Barcelona porque os organizadores lá eram conhecidos dele, ex-alunos. Então o De Rose pediu para montar uma equipe para levar para Barcelona, ele já tinha sido a pessoa responsável por encaminhar a saída para o doutorado do maior número de professores que saíram naquela época. Antes disso essa escola não tinha professores doutores, tinha dois professores doutores aqui que fizeram livre docência, que é o professor Camargo, Francisco Camargo Netto e a professora Lenea Gaelzer. Eu cheguei ainda como aluno, eu assisti a defesa de livre docência deles aqui, era uma raridade, “uma professora agora virou doutora”, não tinha isso aqui. Nessa época a direção da escola entendeu que precisava... Montou o sistema de pós-graduação que também não existia, isso por essa época e o Dr. De Rose foi o grande responsável, primeiro como vice-diretor, depois como diretor para mandar os primeiros professores da ESEF fazer doutorado. Todo mundo que quis, saiu com doutorado naquela época...

B.S. – Não era comum no Brasil também na época...

A.N. – Não, não tinha um curso de doutorado no Brasil em educação física. Tinha em Santa Maria⁵⁰, acho que devia ter em São Paulo, aqui não tinha. Então não tinha como fazer doutorado. O Dr. De Rose tinha feito doutorado na Alemanha e tinha retornado para cá, então ele era um dos poucos doutores. Foi uma ideia política da escola de mandar os professores, não interessava qual era o nível, pegava os professores que eram do esporte mandava fazer doutorado, os caras não tinham mestrado. Não tinha curso de mestrado, não existia, era um sistema muito diferente. Então teve um grupo grande de professores que foi

⁴⁸ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴⁹ Pontifícia Universidade Católica (RS).

⁵⁰ Universidade Federal de Santa Maria (RS).

para Barcelona, por que o De Rose mandou a Barcelona? Porque era o ciclo olímpico de Barcelona...

B.S. – Para acompanhar esse processo...

A.N. – Para acompanhar esse processo. Então foi o professor Francisco Vargas Neto, que foi aquele cara que foi meu treinador, que entrou comigo no concurso. Foi o doutor Benno Becker Junior que era da Psicologia do Esporte, foi o professor Élio Carraveta que hoje trabalha no Inter⁵¹, foi o professor Vicente Molina Neto, que foi diretor da escola, devo estar esquecendo de alguém, o doutor. Airton Negrine que é aposentado, Airton da Silva Negrine, está em Santa Catarina. Enfim, eles mandaram um grupo de professores que foram para lá, o professor Mario Brauner⁵² também. Nesse ciclo de Barcelona, eu devo ter esquecido alguém, eles retornaram como doutores, em 1989, quando eu entrei, quando Chico foi para Barcelona eu entrei. Em Barcelona eles trabalharam, e nos eventos anteriores a Barcelona eles trabalharam na organização. O doutor De Rose tinha um cacife grande para levar gente e ele pediu que eu ajudasse a organizar, organizei uma lista de vinte e cinco pessoas para ir a Barcelona. Como eu era o vice-diretor, á pedido dele a gente levou vinte e cinco pessoas fora os que estavam lá...

B.S. – Só daqui da instituição?

A.N. – Não só daqui da instituição, mas a maioria da instituição. Pessoas interessadas; fisioterapeutas, profissionais de educação física, médicos do esporte, médicos desse curso dele, todo mundo, mas cada um ia por sua conta e parava lá por sua conta também. A gente ia trabalhar como voluntário, o que ele conseguiu foi um crachá maravilhoso para a gente trabalhar e participar...

B.S. – Você tem acesso a essa lista dessas pessoas professor?

A.N. – Olha, devo ter, mas teria que olhar em casa, de cabeça posso saber alguns, mas não vou saber todos. Mas sim eu tenho, se eu não tenho todos, de cabeça eu tenho quase todos

⁵¹ Sport Club Internacional.

⁵² Mario Roberto Generosi Brauner.

que foram com a gente, várias pessoas formados por aqui em sua grande maioria. E lá a gente ficou alojado, por exemplo, eu e meus amigos que éramos do judô, professor Luiz Maduro⁵³, Lúcio Lajes⁵⁴ a gente foi para a casa do Chico que estava morando em Barcelona...

B.S. – Que já era bem conhecido...

A.N. – Exatamente. Que já era casado com a atual professora da escola, a professora Lisete Vargas⁵⁵. Ficamos na casa dele, outros foram para outros lugares, a primeira casa que eu estive foi a casa do Mario, eu cheguei aqui fui para a casa do Mário e da Vera⁵⁶, a Vera tinha sido a minha colega de escola e o primeiro lugar que eu estive quando eu cheguei em Barcelona foi para a casa do Mario depois é que eu fui para a casa do Chico. Então a minha ida para Barcelona foi absolutamente casual, mérito zero. Fui lá porque eu era vice-diretor da escola e amigo do doutor De Rose, eu até disse para ele: “Não, eu acho que tu vai porque tu é o diretor e eu sou o vice, e eu fico”. Ele disse: “Que nada, perder a oportunidade de ir para os Jogos Olímpicos, vâmo borá!”. Ficou o decano aqui e nós passamos um mês em Barcelona, eu fui antes para um evento em Málaga, na Espanha, que era um evento científico, eu apresentei um trabalho no Congresso Pré-Olímpico, depois nós fomos a Barcelona. Fizemos treinamento lá para trabalhar nessa área do controle de *doping*. Mas até então eu não era do controle de *doping*, eu comecei no controle de *doping* nos Jogos Olímpicos, é mole? O cara começar a jogar futebol na Copa do Mundo? Foi mais ou menos assim, nós trabalhamos lá como voluntários, com a oportunidade de ver como era o sistema. Foi assim que eu fui nos primeiros Jogos Olímpicos, graças ao doutor Eduardo Henrique De Rose, eu e mais todos esses vinte e cinco, e mais os que estavam lá, fomos com esse direcionamento. Os professores eles eram alunos da universidade lá de Barcelona e a gente foi lá como qualquer voluntário de qualquer outro país. A partir de Barcelona ainda sempre pela influência do doutor De Rose que começou a montar um sistema de controle de *doping* no país, eu comecei a trabalhar com controle de *doping*, eu trabalhei durante todos esses anos 1992, 1993, 1994, 1995 e tive oportunidade de ir a outros eventos. Por exemplo, em 1995 teve os primeiros Jogos Pan-Americanos que eu fui

⁵³ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁴ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁵ Lisete Arnizaut Machado de Vargas.

⁵⁶ Vera Brauner.

que foi em Mar Del Plata, mais uma vez o doutor De Rose. Que era aqui na Argentina, todos conhecidos, muitos alunos dele, fechou uma rede, nós fomos em um grupo grande. A gente começou a conhecer as pessoas que trabalhavam. Então nos Jogos Pan-Americanos, Sul Americanos a gente ia como convidados, nos eventos maiores Jogos Olímpicos, depois de Barcelona, foi Atlanta⁵⁷ 1996, a gente foi como voluntário, a diferença é o tipo de regalia que tu tinha. E o Comitê Olímpico Brasileiro já na época estava fazendo um esforço para fazer uma Olimpíada no Brasil e a primeira candidatura foi Brasília 2000, então nessa área do controle de *doping* eles tinham que montar equipe, que o Brasil não tinha e era o doutor De Rose, pouca gente era envolvida nisso. Então a gente era um grupo que o COB⁵⁸ apoiava sob esse pretexto, nós vamos montar para fazer os Jogos Pan Americanos do Brasil e uma Olimpíada do Brasil, a ideia era antiga. Mas era distante, Brasília 2000 nem figurou... Mas a gente acabou em 1996 indo para Atlanta no mesmo sistema, já sob a orientação do doutor De Rose o Brasil passa a fazer controle de *doping* em todos os atletas brasileiros antes de ir para um evento internacional: Jogos Olímpicos e Jogos Pan Americanos. Então como nós éramos poucos tinha o doutor Antônio Cláudio de Nóbrega no Rio de Janeiro, eu e mais alguns poucos médicos do esporte, eu era o único professor de educação física. A gente percorria o Brasil fazendo o controle de *doping* nos atletas, trabalhando para o COB, a gente fez isso muitas vezes. Então eu fui a Mar Del Plata. Em 1992 quando eu voltei de Barcelona, teve um Campeonato Mundial de Judô Juvenil, que é Junior para a gente em Buenos Aires. O doutor De Rose não pode ir e me pediu para ir para ajudar na coordenação, teve um evento que eu fui sozinho lá, foi bem complicado. E assim eu fui. Em 1996 eu fui para Atlanta como eu falei para vocês, a gente teve que ir em março fazer um treinamento porque os americanos são muito quadradinhos. Eu sei que eu quase estive fora de Atlanta porque em Atlanta os americanos só queriam que fossem médicos e o doutor De Rose argumentou para me levar junto que a coordenadora dos Jogos de Sidney, que eram os próximos Jogos, era a professora Nicki Vance, e ela é professora de educação física também. Os caras tinham que levar a Nicki porque era dos próximos Jogos, e os caras dos Jogos anteriores ficam babando o ovo dos caras dos próximos Jogos para serem convidados. Quando ele conseguiu colocar a Nicki eu entrei de carona...

B.S. – Com o mesmo argumento...

⁵⁷ Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996.

⁵⁸ Comitê Olímpico Brasileiro.

A.N. – Com o mesmo argumento. Então eu fui para Atlanta, foi uma experiência muito legal, lá a gente ficou com uma estrutura, a gente ficou em um colégio, em um *college*, uma universidade, então tínhamos alojamento, alimentação, uniforme, já foi um padrão, quase um “padrão FIFA⁵⁹”. A Nicki já tinha sido treinada no Brasil e eu ajudei a treinar a Nicki aqui, que ela veio para o Campeonato Mundial de Natação que foi em Copacabana. Essa história está ficando muito longa [risos]. E daí eu fiquei amigo da Nicki e isso provocou depois em 2000 que a Nicki me convidasse para ir a Sidney. A partir daí, eu continuo hoje, eu sou aluno, eu fui aluno, sou aluno do doutor De Rose, devo a minha carreira na vida profissional e especialmente no controle de *doping* a ele, sem dúvida. Mas aí já tinha outros contatos, então a Nicki me convidou: “Quer vir trabalhar em Sidney?”. Eu fui trabalhar em Sidney, o doutor De Rose com todo apoio, mas eu fui convidado pela Nicki Vance. A partir daí eu já estava no meu terceiro Jogos Olímpicos, frustrado como atleta, mas...

B.S. – Participando em outro espaço...

A.N. – Participando em outro espaço. Que no começo eu não valorizava tanto, mas Barcelona foi muito legal, primeiros Jogos Olímpicos ninguém esquece e Sidney estava muito bom. Os americanos fizeram os Jogos mais burocráticos, em Atlanta, foi os Jogos da Coca-Cola, o que tinha de bom nos Jogos de Atlanta era a Coca Cola. Vocês sabem dessa história né? A Coca Cola patrocinou esses Jogos muito fortemente, os Jogos de 1996 tinham sido planejados para serem em Athenas, que era os Jogos do centenário, vocês estão lembrados, em 1896 e 1996. Mas a Coca Cola também estava fazendo centenário, era cem anos da Coca Cola e a sede da Coca Cola é em Atlanta. Atlanta é a sede da Coca Cola e da CNN⁶⁰, então a Coca Cola bancou aqueles Jogos, muito fortemente, pelo menos é o que dizem as más línguas. O que eu sei é que eu tinha uma cadernetinha que eu podia tomar Coca Cola liberado e como eu era viciado totalmente. Eu sou viciado em Coca, mas não é da branquinha é da pretinha [risos]. Ela é inseparável da minha vida, é só no líquido mesmo. E foram Jogos interessantes, mas a parte do sistema de organização dos americanos, digamos assim, é muito rígida e de uma rigidez que a gente como brasileiro,

⁵⁹ Federação Internacional de Futebol.

⁶⁰ *Cable News Network* é um canal de notícias norte-americano.

nós latinos temos possibilidade de criatividade, vai nos possibilitando algumas coisas que surpreendem os americanos. Então a gente trabalhou, a gente ajudou bastante os americanos, normalmente não era eu, era o grupo do doutor De Rose, nós éramos doze, quinze, sei lá, dezoito que eram médicos do esporte e eu e a Nicki, sul americanos e latino americanos ou italianos, o De Rose é italiano, também formado por ele, e ele levava o grupo dele para trabalhar nos Jogos. E a gente dava uma sustentação para o evento, só para vocês terem uma ideia, os americanos eram tão rígidos que a segurança de Atlanta, a gente foi em março onde ganhou um crachá e a gente fez na época, era uma tecnologia altamente recente, eles tinham a nossa impressão plantar, então quando chegava nos *scanners* tu colocava a tua mão e te dava verde ou vermelho. Que era um sistema para ser insuperável, com medo do terrorismo, isso que era antes das Torres Gêmeas, mas os americanos sempre tiveram medo de terroristas, eles aterrorizam todo mundo fora, depois ficam morrendo de medo. Igual a guri quando faz arte, depois fica morrendo de medo de tomar um apito em casa. Mas no primeiro dia em que eu cheguei em Atlanta, cheguei com um amigo o doutor Antônio Cláudio da Nóbrega e tinha uma reunião importante lá dos membros do Comitê Olímpico Internacional dessa área médica e o doutor De Rose estava participando e nós queríamos ir lá falar com ele: “Oh! Chegamos!”. Nós não estávamos autorizados para entrar lá, tinha que passar em dez *scanners* daqueles, policiamento forte. Então o Antônio Cláudio disse assim: “Vamos passar nessa coisa aqui, vamos entrar”. Como tinha que colocar a mão no *scanner* plantar, a gente viu que formava filas e que se dava algum problema no sistema os caras pegavam e passavam um crachá que era um código de barras com os números, deveria ter uns dezoito números. E eles tinham guardas, mas os voluntários eram caras da terceira idade, na época a gente não estava na terceira idade ainda. O que acontece com os caras com mais de quarenta anos? Tem que usar óculos, então eles não enxergavam os códigos de barra, então eu e o Antônio Cláudio fizemos o seguinte, entrava na fila correndo e metia a mão e metia a mão esquerda, que a mão que estava era a direita, tinha que ser a direita. Metia a mão esquerda...

B.S. – Daí dava erro...

A.N. – Daí dava erro, mas tu já tinha andado na fila e estava debaixo do *scanner* aí dava: “Péeeee!!!”. Vermelho, os caras não faziam tu voltar na fila, eles queriam ler, esses caras liam. Mas era todo mundo, nós estávamos com uniforme, estava com crachá, era provável

que tivesse dado erro e a gente descobriu que a gente ajudava o cara a ler o teu crachá, e o cara não enxergava porque ele só enxergava de longe. Ai nós fomos passando, eu e o Antônio fomos passando, se a gente fosse terrorista explodia tudo [risos]. E fomos, sentamos do lado do Príncipe Alexandre de Merode⁶¹ que era o presidente da Comissão Médica do COI e participamos de uma reunião que a gente não tinha a mínima autorização e o doutor De Rose depois: “O que vocês estão fazendo aqui? Como vocês chegaram aqui?”. Estava o presidente do Comitê Olímpico Internacional, imagina nós sentados ali de gaiato, que para nós, nós estávamos curtindo os Jogos. Atlanta teve essas coisas, eles eram tão rigorosos que eles não conseguiam enxergar que um latino americano pudesse quebrar as regras... O doutor Antônio Cláudio que em um dos eventos, tinha uma reunião pela manhã cedo, todos os dias de manhã te davam o teu *schedule* do dia, o Dr. Antônio Cláudio viu o *schedule*, ele é um cara muito inteligente, muito organizado e ele viu que estava errado, os caras esqueceram uma competição. Chegou na reunião de manhã os americanos na reunião, diziam a todo mundo o que deveriam fazer e ainda levantavam a pergunta: “Algum questionamento?”. E o Antônio: “Olha, eu acho que esqueceram...”. “Não, não esquecemos nada. Está bom pode baixar o braço”. Os americanos não deram ouvidos, a gente ligou para o De Rose: “De Rose, os caras esqueceram de acrescentar...” . Ele disse: “Deixa! Esses americanos são muito metidos e eles não vão ouvir a gente. E eu não vou fazer nada! Deixa estourar! Quando estourar nós vamos resolver”. Não deu outra, quando chegou na hora do jogo lá, final do handebol masculino nos Jogos de Atlanta não tinha equipe para trabalhar e a gente avisou. Mas os americanos não podiam achar que um brasileiro ia descobrir um furo no sistema deles. O que aconteceu? Na hora do jogo, o doutor De Rose teve que chamar a gente que estávamos disponíveis para cobrir uma final do jogo, se não tinha sido um escândalo e claro que tivemos de ir sem uniforme, porque os americanos tinham essa mania de achar que o sistema deles era tão perfeito que não podia dar errado. Para vocês terem uma ideia, a gente tinha crachá então a gente circulava bem lá, sabe como a gente fazia para os outros entrarem sem pagar? Os brasileiros descobriram, a troca do crachá era muito óbvia, mas os americanos tinham um policiamento e um rigor tão grande na frente, mas na saída era só para sair, era *exit only*. Então a gente marcava em uma porta de saída, não tinha cuidado na saída, é só para sair, a porta batia e fechava, o que a gente fazia? A gente marcava: “Óh! Vai no *exit only* seis hoje”. No *exit only* era a saída seis. Um saía e abria a porta e os outros entravam pela saída, em 1996 para vocês verem

⁶¹ Príncipe Belga.

como eles eram babacas, eles não conseguiam imaginar que alguém ia entrar pela saída, não tinha nenhum guarda na saída, fala sério! Então a gente entrava, abria a porta da saída para todo mundo, os americanos são um tipo muito específico... Eles não conseguiam imaginar esse tipo de coisa...

A.A. – De malandragem...

A.N. – De malandragem, isso foi em 1996. E assim foi, acabei que eu fui a vários Jogos Olímpicos, depois a Nicki foi convidada para participar, para coordenar os Jogos de Athenas, que ela foi uma excelente coordenadora e como a Nicki era minha conhecida, ela deu a minha ficha para o pessoal de Athenas, me ligaram para que eu fosse a Athenas também. Então eu fui a Athenas e nesse meio tempo a gente foi aos Jogos Pan Americanos, a todos os Jogos Pan Americanos na equipe do doutor De Rose, sempre com a coordenação dele. E foram os últimos Jogos que eu fui, Jogos de Verão que eu fui trabalhar, porque Pequim, os chineses foram muito fechados, mas como eles não podiam ser fechados totalmente eles disseram: “Não! Nós aceitamos voluntários, basta falar mandarim”. Foram tranquilos, colocaram um critério ótimo, excelente. E os últimos Jogos de fato que eu trabalhei foi Jogos de Torino⁶², casualmente estou com o uniforme de Torino aqui que hoje está friozinho, que o doutor De Rose nos levou como especialistas, ele escolheu cinco especialistas para trabalhar, para coordenar, para ajudar na coordenação dos Jogos de Torino, que são os Jogos de Inverno, que eu nunca tive essa experiência, uns Jogos bem interessantes e a gente teve essa vivência com modalidades absolutamente diferentes. Nesse meio tempo se pode imaginar que tu começa a estudar *doping*, escreve alguma coisa, capítulo de livro, artigo, de vez em quando é convidado para falar, foi assim que eu acabei indo a alguns Jogos Olímpicos. Salvo a frustração de não ter ido como atleta.

A.A. – Você participou do treino direta ou indiretamente de atletas que tenham participado de alguma edição dos Jogos Olímpicos?

A.N. – Sim, eu participei. Quando eu voltei em 1998 do meu curso na Alemanha, que eu competi também, mas eu fui para fazer o curso de treinador, eu voltei... Sou treinador de alto rendimento da Universidade de Leipzig, a gente conseguiu no Brasil derrubar uma

Confederação de muitos anos, que era corrupta, incompetente a Confederação Brasileira de Judô, assumiu o professor Paulo Vanderlei Teixeira que é o atual presidente da Pan-Americana e vice da Mundial, isso foi em 2001. Quando o Paulinho assumiu ele mudou, montou uma comissão técnica, essa comissão técnica eu fiz parte, então entre 2001 e 2003 eu fiz parte da comissão técnica da Seleção Brasileira de Judô, então ali a gente estava em uma equipe brasileira, não eram meus atletas, eu era um membro da comissão técnica. Eu trabalhava mais na área da preparação física e avaliação. Mas essa comissão era com o atual treinador o Luiz Juniti Shinohara, o Floriano de Almeida que é um treinador que está no Minas Tênis Club, que é um treinador feminino, o doutor Wagner Castro Pio que é médico e o José Moraes⁶³ que é preparador físico comigo. Então a gente montou um sistema de avaliação, nesse período eu estive com os atletas da seleção, fora desse período eu sempre treinei atletas aqui que tentavam a vaga olímpica.

A.A. – Tu diz aqui dentro da ESEF?

A.N. – Aqui na SOGIPA e na ESEF no Rio Grande do Sul. E tive atleta que fez parte da Universíade⁶⁴, mas a gente quando chegava na última, na sinaleira lá a gente nunca conseguiu. Eu nunca tive um atleta nos Jogos Olímpicos, mas em 2008 quando eu estava fazendo o meu doutorado em São Paulo eu fui convidado para fazer parte de uma equipe técnica de um atleta que estava tentado vaga para os Jogos de Beijing que é o João Gabriel Schlittler, peso pesado. Então eu trabalhei com o João Gabriel como membro da equipe, o João Gabriel deu um azar que até nos aproximou, mas ele fez uma ruptura de ligamento cruzado, pouco antes dos Jogos. Foi para São Paulo e ele treinou um mês em São Paulo fazendo fisioterapia e treinou comigo. Então eu fui treinador do João naquele período, infelizmente o João perdeu uma luta e não conseguiu. E até medalha, ele ganhou quatro lutas e perdeu na semi final para o atleta de Cuba que foi medalhista e ele não. Mas eu tive essa experiência com o João nos Jogos Olímpicos, o único atleta que eu acompanhei até os Jogos, que estava nos Jogos eu estava aqui, aliás eu estava em São Paulo, mas esperando que ele tivesse ganho a medalha. E tive um atleta da UFRGS aqui que é a Carol Lazzer⁶⁵,

⁶² Jogos Olímpicos de Inverno de Torino em 2006.

⁶³ Nome sujeito a confirmação.

⁶⁴ Jogos Mundiais Universitários.

⁶⁵ Caroline de Lazzer Cardoso.

que agora mora em Dubai que foi nossa atleta, representando a UFRGS, participou na modalidade Luta Olímpica nos Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro de 2007.

A.A. – Tem alguma outra experiência que tu queira compartilhar referente aos Jogos Olímpicos?

A.N. – Eu fui a vários Jogos Olímpicos então sei lá, teria muitas informações, muitas experiências. O que eu posso dizer é que a experiência que eu tive participando dos Jogos Olímpicos foi muito rica. Acho que todo mundo deveria ter essa oportunidade e agora em 2016 muitos de nós vamos ter essa oportunidade mais próxima. Acho que é um mundo do esporte e do alto rendimento é um mundo muito diferente do que hoje se faz e se vê aqui na escola especialmente, mas é um mundo muito interessante, acho que é muito além do esporte de alto rendimento. Continua sendo um congaçamento universal, eu tenho uma visão muito positiva e acho que como qualquer outro megaevento tem aspectos obviamente negativos. Agora nós estamos no meio de uma Copa do Mundo e vocês devem estar atentos as participações, de parte de grupos da população contra a Copa, e eu sem pensar em aspecto político de A ou de B, temos muito dualismo no Rio Grande do Sul, colorado⁶⁶ ou gremista, os á favor e os contra, desse ou daquele partido que eu nem quero citar nomes aqui. Mas eu acho que é inegável o fato de que se muitas coisas não funcionam como a gente queria, não é em relação ao esporte, é em relação ao geral. Porque ao mesmo tempo não é como a gente gostaria, nenhum de nós acho que gostaria. A gente gostaria de ter melhor condições de saúde, de educação, eu acho que a Copa também é um sucesso, basta vocês andarem pelas ruas e ver. Para esse povo que está aí, os turistas que estão aproveitando, desfrutando do evento e para as pessoas que estão vivendo um pouco melhor disso também: para o motorista de taxi, para o vendedor, para o dono que vende cachorro quente... É um evento grandioso e que pode trazer muitos benefícios, pena que a gente não sabe, não utiliza isso da maneira mais adequada. Então Olimpíada é assim também, Olimpíada é um evento fantástico onde eu aprendi muitas coisas, em momentos da política internacional difícil, tu vê americanos e iranianos se abraçando e confraternizando dentro de um mesmo recinto, deixando de lado o ranço dos seus governantes, que eu assisti isso em “n” ocasiões. E não só esse exemplo, iraquianos em Athenas, iraquianos e americanos! Em Athenas os americanos não andavam nem de camisa dos Estados Unidos, nós

brasileiros andávamos todos de camisa, o Brasil estava muito bem visto naquela época, uma sandália havaiana valia uma caixa de cerveja. E os americanos tinham medo, em 2004, eles se borravam de medo, eles não andavam com bandeira, eles foram proibidos de andar com bandeiras e camisetas dos Estados Unidos. Os iraquianos andavam por Atenas com a bandeira do Iraque, num momento que vocês devem recordar, logo depois de 2001, depois da queda das Torres Gêmeas aquilo era um horror. E lá no meio da torcida quando se encontravam iraquianos e americanos que eu tive oportunidade de ver “n” vezes, não havia animosidade entendeu? Aquelas pessoas que estavam lá, elas conseguiam entender que aquilo era um problema dos governos daqueles países, não necessariamente do esporte. Embora, quando eu estive na Alemanha em 1998, que eu convivi com grupos étnicos muito diferentes, eles tem uma raiva muito grande dos americanos, os árabes de modo geral. Isso eu observei também, uma convivência interessante, que esse curso que eu fiz em 1998 foi o curso de judô que eu falei para vocês era um curso que tem nessa universidade, é um curso que dá várias modalidades em várias línguas, nessa época eram cinco grupos diferentes. Então tinha o grupo de russos, que na verdade não eram russos, mas eram aqueles representantes da antiga União Soviética, são grupos russos, mas da Ucrânia, Geórgia, Uzbequistão, Tajiquistão, Quirguistão, grupos de latinos que eram o grupo que eu fazia parte, meu curso foi em espanhol, grupos de africanos que era o grupo em francês, tinha um grupo que era em russo, um esporte que era em espanhol, um esporte em francês, um esporte em árabe e aí era o norte da África e um esporte em inglês que era mais variado. Então a gente vivia em uma comunidade da Universidade de Leipzig. Cada andar, setor de um andar era de um grupo, normalmente uma ou duas etnias, literalmente etnias. A gente passou um Ramadan, por exemplo, que é o período que os árabes tem de reza no mês de novembro que era complicado porque o que os latinos queriam fazer no inverno depois da aula? Eles queriam tomar cerveja que era barata e boa, fazer festa e os caras dos andar de cima que eram os árabes, estavam rezando, agora tu imagina o que acontece? Os caras tudo no tapete rezando e os de baixo fazendo festa, dava problema, problemas sérios. Gente adulta, treinadores, os caras se pegavam na porrada e se matavam na porrada, tinha grupos de etnias diferentes dos ex-russos, não sei se vocês tem ideia da conformação geográfica de etnia, por exemplo, o Uzbequistão é um país formado por tribos, tem os Uzbeques, tem os Tajiques, assim como lá no Iraque os Xiitas e tem os Sunitas, são países tribais! Eu tinha um grupo de amigos, nós ficávamos em quartos de

⁶⁶ Torcedores do Sport Club Internacional.

duas ou três pessoas, a gente se dava bem com os Uzbeques, eu tenho amigos até hoje, tenho troca com eles, mas eles se odiavam. Eram dois grupos russos, de países diferentes, era um Tajique, era um Uzbeque e um outro que era do Tajiquistão que era russo, e os outros dois ex-Geórgia, eles não podiam passar no corredor. Se eles passassem no corredor, quatro no mesmo corredor, todos uns homens velhos, todos de trinta e tantos anos, se pegavam na porrada e se matavam até que nós separássemos. Então a gente vive no Brasil e a gente acha que tem um monte de problema e fala mal do país, mas eu acho que vocês que são jovens deveriam viajar mais e olhar um pouquinho o que tem aí fora, antes de sair quebrando tudo porque está tudo errado aqui. Porque tem realidades muito diferentes da nossa e a gente não conseguia entender porque aqueles caras brigavam sempre, porque aqueles caras que estava ali, esses quatro eles não se conheciam até chegar ali, não eram inimigos... Eles não se conheciam, eles nunca tinham se visto, eles só eram de etnias diferentes da Rússia, e eu me dava com ambos, tanto que eu conseguia sair com esses dois aqui, com os dois do outro quarto e eu perguntava: “O que vocês querem?”. E era difícil perguntar porque eles falavam russo e eu falava português e espanhol, nós aprendíamos alemão lá mas eles não entendiam muito alemão, mas mesmo assim nós tentávamos a comunicação em um inglês rudimentar a resposta que eu tenho mais lógica do Diucho⁶⁷ que é o uzbeque, é assim: “Alexandre, não tenta entender, nós brigamos há mais de mil anos, nem nós entendemos mais porque nós brigamos. Mas se ele passar no corredor eu vou enfiar a mão na cara dele” [risos]. Era essa a situação, para a gente é tão difícil entender isso, imagino para você, pelo menos para mim é. Da mesma maneira que era difícil entender porque os caras de bunda para cima no Ramadan queriam matar os meus colegas espanhóis, que estava cantando e dançando no dia do Ramadan, e levando cervejinha: “Cerveza! Cerveza!” [risos].

A.A. – Um quer rezar e o outro quer beber.

A.N. – Um quer rezar e o outro quer beber. E os caras lá de cima descem para matar os espanhóis, eles não descem para discutir, eles querem matar os de baixo, vocês não estão entendendo...

B.S. – É um momento sagrado...

⁶⁷ Nome sujeito à confirmação.

A.N. – É exatamente. Porque os espanhóis, os latinos em baixo; mexicano, argentino, equatoriano... E eu, estava no meio... Eu não bebo, então não fazia absurdos, mas os caras faziam absurdos depois de tomar... Nevando, frio, os caras não estão acostumados a passar frio, fechados em um ambiente, morando junto ali, aquele monte de gente a um tempão, saíam com a cerveja e: “Alá, meu bom Alá” [risos]. Os caras desciam e queriam... Olha! Eu era de uma certa forma, líder do grupo... Respondia um pouco, e graças a alguma intervenção que eu e outro árabe que ficou meu amigo, a gente não permitiu que houvesse uma carnificina ali, porque os caras desciam de faca e coisa... Não tinha negociação, eles queriam decapitar todos os caras da festa...

B.S. – Inclusive você que estava lá dentro...

A.N. – É, eu tinha um pouco mais de respeito no grupo, mas eles não tinham negociação. A gente não entende essa questão do tribalismo. Quer saber de uma coisa que eu acho garotada? Esses nossos *Black Bloc*⁶⁸ não sabem de nada da vida, sabem de nada da vida! Não tem a menor ideia do que eles estão fazendo. Agora esses caras lá, esses caras lá sim porque eles são capazes de matar por Alá ou por uma briga que um ancestral dele teve há oitocentos anos, eles são capazes de matar um outro cara que é tataraneto do povo que fez aquilo, isso é uma coisa muito séria. Não é o governo que manda entendeu? É essa coisa que a gente está vendo na televisão, que a gente acompanha da guerra na Síria e agora no Iraque... Isso são coisas muito sérias muito difíceis...

A.A. – Muito antigas...

A.N. – Muito antigas. Não se compara a esses movimentos nossos aqui de meia dúzia de caras que dizem que não vai ter Copa, dos meninos ali, que são idealistas. Provavelmente muitas coisas do que alguns deles pensam... Das ideias foram minhas também e outras eram minhas quando eu tinha vinte anos também, mas eles não tinham a menor ideia do que realmente é um problema sério. E ainda que eu seja contra, ou vocês sejam contra ou á

⁶⁸ Grupo de pessoas em lutas por propósito comum, especialmente nas manifestações populares ocorridas no Brasil no ano de 2013.

favor a esse governo da Dilma⁶⁹, ou ao anterior do Lula⁷⁰, ou do Fernando Henrique⁷¹, ou qualquer um que vocês queiram. Vocês podem voltar na história até o João Goulart⁷², é muito longe da realidade do que esses povos que eu aprendi a respeitar muito mais depois de ter vivido e não de ter estudado em livro de história. Ter vivido com caras assim que tem uma realidade muito diferente, eles tem razões muito mais profundas, arraigadas na religião e nas dificuldades sociais, em atrocidades que ocorreram muito tempo atrás que não tem nada a ver com passagem a preço zero, a estádio da Copa superfaturado, como de fato aconteceu aqui, a culpa do nosso governo é culpa da nossa sociedade. Na minha concepção, que vive na base da impunidade. A corrupção é comum no mundo inteiro, mas em todo o mundo estão lutando contra a corrupção pessoal, não se enganem! Eu morei no Japão também, tem corrupção no Japão também, mas quando o cara é descoberto no Japão muitas vezes ele mesmo se mata, porque a sociedade vai banir ele e a família dele, daí tem os casos de suicídio: “Ah! Pegaram um corrupto”. O cara se mata, se não ele vai para a cadeia, aqui tem esse problema. Na Alemanha tem corrupção também ou vocês acham que não? Que os alemães não são corruptos também? Também, mas se pegarem os caras vão para a cadeia, nos Estados Unidos também tem corrupção, é obvio, mas os caras vão para a cadeia e no nosso aqui que nós aceitamos esse pacto de mediocridade, as vezes é entre professores e alunos, entre eleitores e eleitos. Infelizmente isso acontece, mas tu perguntou das vezes que eu fui as Olimpíadas, as minhas participações em eventos de esporte internacional me deram a visão de mundo que eu tenho hoje, eu vi muita coisa de esporte, conheci treinadores, médicos do esporte, assisti grandes atletas que eram e são meus ídolos. Outros meninos que eu vi crescer no esporte, de garotinhos a medalhistas olímpicos, alguns amigos tive a oportunidade de conviver. Infelizmente como atleta não deu, mas como treinador, como participante da organização dos eventos eu tive, tenho tido essas oportunidades que é o que eu espero, tenho a pretensão de aqui como professor ter troca com os alunos.

A.A. – Tem mais alguma coisa dentro da vida do judô que tu gostaria de destacar?

⁶⁹ Dilma Vana Rouseff.

⁷⁰ Luiz Inácio Lula da Silva.

⁷¹ Fernando Henrique Cardoso.

⁷² João Belchior Marques Goulart.

A.N. – Olha! Eu vou fazer uma propaganda só, nossos patrocinadores. Na verdade a propaganda que eu quero fazer é só do judô. O judô foi criado como um caminho por Jigoro Kano que era um filósofo, um pensador, ele é considerado o pai da educação física no Oriente, no Japão. E a ideia dele era transformar uma arte de luta que era o antigo *Jiu Jitsu* em uma escola de vida que e o que ele chama de Judô Kodokan. Ele não pensava como esporte. Esporte era secundário para ele, depois que ele morreu é que nós transformamos o que ele fez em esporte. Os ocidentais e mesmo os japoneses esportivizamos o judô, a ideia dele era essa. E hoje no século XXI eu acho que retomar ideias como do Jigoro Kano, como do Coubertin⁷³. Utilizar o esporte como ferramenta para a formação pessoal e da sociedade, melhoria da sociedade, considerando o tripé que é desenvolvimento físico, saúde, a parte cognitiva, que era assim que ele entendia que tinha que a gente tinha que aprender junto com a atividade física, e a parte moral e ética. Que é a questão de utilizar os valores da sociedade para um bem comum, que é o mesmo tripé que o Coubertin. utiliza dentro do olimpismo, e eles foram contemporâneos, inclusive se conheceram, Coubertin convidou Jigoro Kano para participar do movimento olímpico. Jigoro Kano foi o primeiro homem oriental a participar do movimento olímpico internacional, e essas ideias estão extremamente atuais, nós estamos em um momento de discussão disso, da educação como um todo, do aspecto ético da sociedade brasileira e internacional. Os valores que o esporte pode levar através de atividades como o judô, mas não só o judô é que me parece que é o grande caminhar, a grande propaganda que eu quero fazer. A gente tem um projeto que vai fazer vinte e cinco anos e que a gente está querendo ampliar, utilizando a parceria agora com Prefeitura Municipal de Porto Alegre que nos últimos anos não estava conseguindo parceria, agora através professora Sandra de Deus⁷⁴ que nos encaminhou, que a nossa pró-reitora⁷⁵ e da professora Cleci Jurach⁷⁶ que é da Secretaria de Educação, estamos em parceria oferecendo para as crianças da comunidade, que a Prefeitura traz eles de ônibus e a gente tem duas escolas que a gente já está atendendo fora mais doze escolas que são atendidas aqui e eu acho que esse tipo de projeto é o caminho para melhorar a educação no Brasil. Eu acredito no esporte, na educação física sobre esse viés muito mais amplo que simplesmente o alto rendimento. Mas não descredito o alto rendimento, eu só acho que a gente tem que usar a parte boa, eu não sou

⁷³ Barão Pierre de Coubertin.

⁷⁴ Sandra de Fátima Batista de Deus.

⁷⁵ Pró-reitora de Extensão da UFRGS.

⁷⁶ Cleci Maria Jurach.

dos que são contra a Copa, eu sou contra o superfaturamento. Mas tanto faz se é de uma ponte, de um hospital ou de um estádio de futebol, e as coisas que não vão ser melhores nessa Copa do Mundo e na Olimpíada são porque nós, o povo brasileiro e não só o governo brasileiro, não estamos fazendo. Tinha que parar de reclamar do governo, não gosta do governo, vota contra e fazer a nossa parte, acho que a gente está fazendo pouco a nossa parte, eu como profissional de educação física e tu ainda não é formado?

A.A. – Não, eu sou da graduação...

A.N. – Futuro profissional da educação física ou de qualquer outra área que temos obrigações a fazer. Não utilizar esse grande movimento, nas aulas, por exemplo, para o meninos do primeiro e segundo grau, eu conseguiria montar uma aula em cima da Copa do Mundo de qualquer das disciplinas que estão no currículo, qualquer disciplina. Eu daria aula de qualquer disciplina só com o tema “A Copa do Mundo”, aproveitando essa mídia que tem aí. A gente não fazer isso não é culpa do governo, não importa se é contra ou a favor da Dilma, isso não é culpa do governo, eu acho que o governo tem as suas culpas, mas essa não. A gente não fazer a nossa parte não dá para transferir, eu queria terminar com essa ideia, com essa mensagem que o Brasil tem que ter solução, mas a solução somos nós. E agradecer a ti e a Silvana, por ter me convidado a dar a minha participação aqui.

A.A. – Gostaria que tu comentasse tua contribuição para o judô gaúcho:

A.N. – Para o judô gaúcho depois que a gente conseguiu ajudar a derrubar a Confederação Brasileira de Judô, a gente teve um movimento que começou aqui, abaixo assinado que eu fui o primeiro, fui eu que elaborei, eu que fui o primeiro a assinar a gente conseguiu derrubar lá na Confederação a famigerada família que ficou muitos anos, ficou vinte e quatro anos. Depois eu ajudei, contribuí fortemente para derrubar a Federação Gaúcha de Judô, um presidente que acabou com o passar dos anos se tornando dono da Federação, até um professor de educação física formado aqui, foi um bom presidente nos primeiros mandatos, teve o seu trabalho, as pessoas não são assim bandidas ou mocinhos, tem momentos, mas depois de vinte e três anos em um cargo não dá para achar que o cara é tão altruísta assim. A gente conseguiu derrubar e agora a gente faz parte da Federação, no momento eu tenho um cargo na Federação. Nós estamos já na segunda gestão desse novo

grupo, o presidente é um médico de Santa Cruz, o Carlos Eurico⁷⁷. Nessa gestão ele estaria como vice, estava como vice, mas daí o presidente, o professor Luiz Maduro foi para Petrolina, passou em um concurso. Então ficou o Carlos Eurico assumiu esse finalzinho e eu faço uma assessoria para a Federação. Nesse momento na Federação, a minha atuação é de organizar o curso de formação dos faixas preta. Então a gente dá um curso aqui na ESEF já esse ano, segundo semestre, a gente vai dar uma segunda etapa. É o primeiro ano que eu sou coordenador desse curso, já participei dele em outras etapas em que a gente procura dar uma visão diferente do judô, saindo do aspecto competitivo. É que os faixas preta tem vários cursos, curso de *Waza* da técnica, curso de *Kata* que é uma forma básica, curso de arbitragem, tem que fazer ponto de competição, isso a Federação já fazia. A gente faz um curso que a gente ajuda a coordenar esse curso que mostra o judô com um aspecto educacional e algumas outras coisas que não faz parte da formação desses meninos e coroados também, todas as idades, judô é democrático. Diferente de esportes que, por exemplo, basquete o cara tem que ser muito alto, vôlei, o cara que tiver um metro e noventa no vôlei é baixinho. São esportes que não são democráticos, não são para todo mundo, caras como nós, mas tu ainda é mais altinho, já jogou vôlei?

A.A. – Joguei basquete...

A.N. – Mas é difícil o cara com menos de um metro e oitenta jogar basquete. Tem o armador ali... Já na ginástica, por exemplo, caras como vocês são muito grandes, não dá para ser ginasta, ginástica é para nanicos, fortes e nanicos, flexíveis. O judô não, o judô é democrático, o cara pode ser medalhista olímpico. Igual ao Felipe Kitadai que está aqui na SOGIPA com sessenta quilos ou com cento e cinquenta como o Rafael Silva⁷⁸, dois medalhistas por sinal de Londres. Pode ser uma Sarinha Menezes⁷⁹ com quarenta e oito quilos ou uma Mayra Aguiar com setenta e oito quilos e as duas são grandes campeãs, uma campeã olímpica e a outra medalha de bronze. Nesse aspecto o judô é um esporte mais democrático, então eu acho que ele tem entre essas outras virtudes que podem contribuir para a formação de uma juventude mais saudável, mais capacidades cognitivas diferenciadas e com valores, não gosto de falar em ética, gosto de falar em valores, valores

⁷⁷ Carlos Eurico Pereira.

⁷⁸ Rafael Carlos da Silva.

⁷⁹ Sarah Gabrielle Cabral de Menezes.

bons para a sociedade. Mais uma vez agradecer e parabenizar a professora Silvana Goellner pelo trabalho que ela desenvolve aqui.

A.A. – Nós que agradecemos a tua disponibilidade, para nós, como eu falei no início é super importante ter esse registro do teu depoimento. Em nome do Centro de Memória do Esporte te agradeço imensamente

[FINAL DA ENTREVISTA]